Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Segunda-feira **22.4.2024** / Diário / Ano 160.º / N.º 56 613 / **€ 1,50** / Direção interina **Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)**

ENSINO

CORRIDA AOS COLÉGIOS PRIVADOS ESGOTA VAGAS PARA NOVOS ALUNOS

Falta de professores nas escolas públicas é uma das causas da procura por estabelecimentos particulares. Perfil das famílias que recorrem a colégios tem mudado, havendo cada vez mais pais de classe média baixa a procurar alternativas ao público.

PÁGS. 4-5

YVES LÉONARD

ESCRITOR

"A intuição, a vontade, a inteligência de Soares a seguir ao 25 de Abril é dizer que não é possível a democracia em Portugal sem a Europa"

PÁGS. 8-9



PORTUGAL HÁ 50 ANOS

JOSÉ PEDRO SOARES

ANTIGO PRESO POLÍTICO

PÁG. 3



ENTREVISTA **CAPITÃO FAUSTO**

"TEMOS ESTA MANIA DE NOS JUNTARMOS PARA FAZER MÚSICA DO NADA"

PÁGS. 24-25

ÁLVARO ISIDORO / GLOBAL IMAGENS

Europeias
Autarcas do PSD dizem que Moreira a cabeça de lista da AD será "traição" PÁG. 6

Vistos *gold*
Sociedades de investimento imobiliário coletivo disparam 64% PÁG. 16

Ambiente
Há uma explosão de resíduos de plástico. Poderá a reciclagem de nova geração contê-la? PÁGS. 10-12

Julgamento
Climáximo promete: "Vamos continuar a interromper a normalidade" PÁG. 13

Brasil
Quem é Ronaldo Caiado, o último candidato a herdeiro de Bolsonaro PÁG. 20



Editorial

Bruno Contreiras Mateus
Diretor interino do Diário de Notícias

Em memória de Pedro Cruz

1 A triste notícia da morte do jornalista Pedro Cruz, antigo diretor-executivo da TSF, move-me hoje a recordá-lo pela firmeza das suas convicções, pelo espírito de missão jornalística inabalável e de abnegação, lutando connosco pelo futuro do Global Media Group no momento mais crítico para o jornalismo em democracia, que coincidiu com a luta pela própria vida. Até ao último dia, Pedro Cruz escreveu a sua habitual crónica para o DN – e isso emociona-me profundamente e merece respeito. Perdoem-me os leitores pelas considerações pessoais, mas não se fala da morte de alguém que tinha uma força tão incrível sem se cair numa introspeção. Recordo também, por último, um Pedro muito humano, bem-disposto e divertido, com um sorriso pronto e uma palavra amiga. Ficarei sempre com a imagem do último abraço que demos, que agora será eterno. Obrigado, Pedro, e um forte abraço à família enlutada (**leia também o obituário da página 7**).

> **Ao passo que o Estado desinveste no ensino, o dilema dos pais aumenta em relação às oportunidades de futuro que a escola pública permite alcançar. Este é, depois, o país que entrega para a emigração os jovens mais qualificados de sempre. O que dá que pensar: será este o país onde os políticos querem investir no futuro dos alunos?**

Uma escola para todos

2 A escola pública tem uma característica que nunca se deveria perder, que é a capacidade de promover maior sucesso escolar dos alunos de meios socioeconómicos mais desfavorecidos quando estes se integram com outros que pertencem a meios mais favorecidos. E assim se combate também a segregação social, combatem-se ideologias xenófobas e racistas. O Estado não pode provocar desigualdades sociais, mas é a isso que leva o desinvestimento na educação, o descontentamento de professores, incompreendidos pelo seu papel na construção do futuro (e a falta de interesse dos universitários em seguir a via de ensino), e o descrédito dos pais, que já não sabem quantos furos no horário terão os filhos em aulas essenciais para a sua aprendizagem.

"A instabilidade da escola pública, principalmente no que se refere à falta de professores, tem um peso relevante nas opções das famílias. Acreditamos que este ano possa haver um aumento da procura, mas ainda é cedo para ter dados concretos", explica ao DN, nesta edição, Rodrigo Queiroz de Melo, diretor-executivo da Associação de Estabelecimentos de Ensino Particular e Cooperativo. "Há mais famílias a fazer um esforço para ter os filhos no privado e em muitos casos com a ajuda dos avós." São cada vez mais as famílias de classe média baixa a pensar nesta opção.

A falta de professores em algumas disciplinas, as más condições físicas de muitas escolas, a sobrelotação nas grandes metrópoles e o sentimento de insegurança por falta de profissionais que acompanhem os alunos nos recreios são motivos que levam alguns pais a procurar uma alternativa para os filhos nos colégios. O ensino privado sempre existiu – e bem –, até porque numa sociedade democrática as famílias têm liberdade de fazer escolhas. Não sejamos é hipócritas, porque a escolha entre a escola pública e os colégios é uma prerrogativa dos mais privilegiados. É, por isso, mais uma razão para o Estado investir na qualidade do ensino que está à sua responsabilidade, dar condições de trabalho aos profissionais e dar confiança a todos os pais, independentemente das condições socioeconómicas, na escola pública.

Ao passo que o Estado desinveste no ensino, o dilema dos pais aumenta em relação às oportunidades de futuro que a escola pública permite alcançar. Este é, depois, o país que entrega para a emigração os jovens mais qualificados de sempre. O que dá que pensar: será este o país onde os políticos querem investir no futuro dos alunos?

OS NÚMEROS DO DIA

1300

PESSOAS
É o número de cidadãos retirados ontem da cidade de Nis, no Sudeste da Sérvia, para permitir a remoção de uma bomba lançada pela NATO em 1999.

2

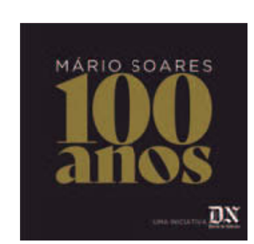
POR CENTO
O presidente norte-americano, Joe Biden, encurtou para dois pontos percentuais (44% contra 46%) a vantagem do republicano Donald Trump antes das presidenciais de novembro, segundo uma sondagem da NBC News divulgada ontem.

46

LAGOS
É o número de lagos subglaciais sob o manto de gelo da Antártida descobertos por cientistas chineses com recurso a um novo método de análise que melhora a precisão da pesquisa.

4

VITÓRIAS
É o número de triunfos alcançados pelo piloto neerlandês Max Verstappen esta temporada, quando estão cumpridas cinco provas do campeonato. O piloto da Red Bull triunfou ontem pela primeira vez no GP da China e lidera a classificação já com uma grande margem para o segundo classificado.





22.4.2024

Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editor-chefe** Nuno Ramos de Almeida **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Alexandra Tavares-Teles, Amanda Lima, Ana Meireles, Bruno Horta, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, João Pedro Henriques, Manuel Catarino, Margarida Davim, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Sara Azevedo Santos, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida e António Mateus (coordenadores), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.

PORTUGAL HÁ 50 ANOS

O que era a vida quotidiana dos portugueses há meio século, antes do 25 de Abril? O que faziam e como recordam hoje esse tempo em que eram jovens e o país era velho. E como esse mundo era retratado nas páginas do DN da época, visado pela censura.

No DN



A MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DE TODOS OS JORNAIS PORTUGUESES

WINCHESTER.

SOC. COM. MACEDO SILVA, LDA.

Diario de Noticias

Director — FERNANDO FRAGOSO

VEJA POR FAVOR

CASA DA SORTE

A CASA QUE FAZ MILIONÁRIOS

DIA DA COMUNIDADE LUSO-BRASILEIRA

MARCELLO CAETANO E O PRESIDENTE DO BRASIL DISTINGUIDOS COM AS MEDALHAS DE MÉRITO D. JOÃO VI

PREVISÃO DOS SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO OFICIAIS

A CAMPANHA ELEITORAL EM FRANÇA

LUTA EQUILIBRADA NO SEGUNDO ESCRUTÍNIO

PROGRAMA DE DOZE PONTOS APRESENTADO EM ESTRASBURGO PELO CANDIDATO GISCARD D'ESTAING

O REFERENDO ITALIANO SOBRE A LEI DO DIVÓRCIO

OS «SIM» E OS «NÃO» PODEM NÃO RESULTAR MUITO CLAROS

POR ENQUANTO, UMA POSSIBILIDADE...

ELEIÇÕES Com o divórcio proibido há alguns anos, os italianos eram chamados às urnas para um referendo. Porém, a pergunta não era clara e tanto o "sim" como o "não" podiam confundir os eleitores. Na televisão francesa passavam imagens chocantes de Rudolph Hess.

Referendo sobre o divórcio em Itália

TEXTO **ISABEL LARANJO**

O divórcio estava na ordem do dia em Itália há 50 anos. "O referendo italiano sobre a lei do divórcio: os 'sim' e os 'não' podem não resultar muito claros", titulava o DN. "Tudo indica que o próximo referendo sobre o divórcio possa vir a ser prejudicado por sérias confusões dos que se pronunciarem sobre esta matéria, de resto tão cara aos italianos", podia ler-se. "Na verdade, os termos em que a pergunta está posta aos italianos (ser ou não ser contra a lei que, há quatro anos, proíbe o divórcio) implicam que a resposta 'sim' signifique que se é contra o divórcio (a favor da lei) e a resposta 'não' queira dizer que se é a favor dele (contra a lei, portanto)", noticiava o jornal. "Entretanto, o Instituto de Estatística anunciou que durante os três primeiros anos de vigência da controversa lei registaram-se 66.641 divórcios em Itália, acentuando que muitos deles já se tinham desenvolvido antes da presente lei."

Em França, a televisão mostrava imagens de um decrépito Rudolph Hess, delfim de Hitler. "O último 'criminoso de guerra': um antigo diretor de Spandau filmou Rudolph Hess na prisão e vai publicar as memórias do lugar-tenente de Hitler", titulava o DN. As imagens provocavam horror entre os franceses. "Foi um choque para milhões de telespectadores franceses na passada terça-feira. Na pequena tela eles viram surgir como que um espectro. De semblante muito pálido, faces cavadas, olhar fixo, voz soturna, Rudolph Hess, antigo 'delfim' de Hitler, entrou-lhes em casa. Condenado a prisão perpétua pelo Tribunal de Nuremberga em 1 de outubro de 1946, Hess completará 80 anos no dia 26 deste mês na prisão de Spandau, onde está encarcerado", descrevia detalhadamente o jornal.

Na Europa discutia-se a viabilidade do uso do latim. "Por enquanto uma possibilidade... O latim pode voltar a ser uma língua viva", titulava o DN. No pós-título, mais informação: "O Parlamento Europeu propôs o estudo do emprego do latim como idioma de comunicação entre os países membros da C.E.E."

Em França continuava a campanha eleitoral para a Presidência da República. "Programa de doze pontos: apresentado em Estrasburgo pelo candidato Giscard D'Estaing". Entre outros, D'Estaing propunha segurança na velhice ou para a mulher e a família.

Onde eu estava

José Pedro Soares foi o preso político por mais tempo submetido à tortura do sono. Numa só sessão de interrogatório, esteve 21 dias sem dormir, com uma única interrupção – ao fim de oito dias permitiram-lhe que descansasse uma noite. Nasceu em Cachoeiras, Vila Franca de Xira, em 1950.





Trinta e três dias de interrogatório, divididos entre a António Maria Cardoso, sede da PIDE, e o Reduto Sul de Caxias. No regresso à minha cela, levava no corpo as marcas desse horror. Horas e horas em pé. Murros e pontapés. Espancamento com cavalo-marinho, que me rasgou a roupa. Perdi a noção de tempo e de espaço. Tive alucinações. O chão parecia-me coberto de bichos, ouvia sons, vozes imaginadas. Outras reais: gravações com a minha mãe e a minha namorada, os gritos de homens a serem espancados.

Tinha 21 anos e era franzino. Aguentei-me pensando nos camaradas que trabalhavam na clandestinidade, nos miúdos da minha idade que morriam na Guerra Colonial. Na miséria a que nos destinavam, na exploração dos mais fracos.

Resisti. Não traí nem denunciei camaradas, sabendo que estava ali porque fora traído. Alguém muito bem colocado na minha organização, ligada ao Partido Comunista Português, cedera, fizera um acordo com a PIDE. Traíra dezenas de camaradas. Traíra o partido.

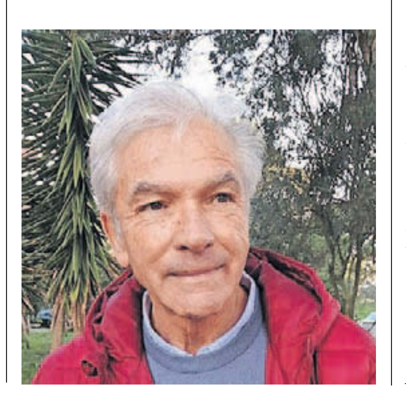
Resistir era uma questão de honra. "Não tenho nada para dizer", repeti enquanto consegui falar. Estava preparado para morrer. Nesse período, vim a saber mais tarde, os meus amigos escreveram o meu nome em vários muros de Lisboa.

Estávamos em 1971. Quando a PIDE me devolveu à cela, em Caxias, onde esperava julgamento, estava irreconhecível. Ninguém acreditava que sobrevivesse. Não andava pelo meu pé. Fui hospitalizado. Acabei julgado e condenado a três anos e meio de prisão. Fui então transferido para Peniche, uma prisão política de alta segurança.

Em Peniche vivíamos ao som do apito dos guardas. Aquele som marcava a alvorada, a chamada para o pequeno-almoço – café numa caneca de zinco e um pão –, a hora do recreio, a chamada para a sopa e um guisado gorduroso, normalmente feito com restos de bacalhau.

Quando cheguei a Peniche, os presos ficavam fechados nas celas durante 23 horas. Mais tarde, em resultado da nossa luta, conseguimos que esse período se restringisse às noites. Passámos a poder circular no corredor e a ser tratados por senhor, pondo fim ao tratamento quase sempre grosseiro, característica de uma guarda prisional maioritariamente bronca.

À noite o silêncio era sepulcral, apenas rasgado pelo vento e pelo bater do mar nas rochas. Atrás de vidros martelados imaginávamos as traineiras que partiam para a pesca. As gaivotas. Reais eram a humidade que corria pelas paredes e os passos dos guardas, pesados, no chão do corredor.



Durante três anos a minha vida esteve confinada a esse forte. Uma cadeia de homens. Quando cheguei, fui diretamente para o pavilhão A, cela coletiva com 10, 12 presos. Fui depois transferido para o pavilhão B, um corredor de onde saíam pequenas celas. Em cada uma deles cabia uma enxerga e um armário. As portas de madeira tinham um postigo pelo qual os guardas nos vigiavam. Permitiam-nos um ou dois livros, escrever – as cartas eram abertas – e receber a família de vez em quando. Apenas a mais próxima: pais, mulher e filhos.

Certa manhã de abril, estou com o camarada Ângelo Veloso na sala da televisão. Quando ligámos o aparelho, a emissão estava interrompida. Pensámos que talvez tivesse morrido um fascista importante. Mas pouco depois é lido o comunicado das Forças Armadas. O texto deu para perceber que o movimento tinha um cariz progressista. O comportamento dos guardas confirmava-o: estavam atrapalhados, faziam-se de simpáticos. Exigimos falar com a direção da cadeia. Quando percebemos que havia quem defendesse uma libertação seletiva dos presos, fomos claros – ou saímos todos ou não sai nenhum. Quando transpus aquele portão no dia 27 de abril, senti a mais maravilhosa sensação da minha vida. Nunca quis procurar o homem que me traiu.

Depoimento recolhido por Alexandra Tavares-Teles.

EDUCAÇÃO

Colégios privados sem vagas para novas inscrições

ENSINO Falta de professores nas escolas públicas é uma das causas da procura por estabelecimentos particulares. Perfil das famílias que recorrem a colégios tem mudado, havendo cada vez mais pais de classe média baixa a procurar alternativas ao público.



O Colégio Júlio Dinis, no Porto, é um dos maiores estabelecimentos privados da zona Norte do país. Conta com 1700 alunos. "Temos as turmas totalmente cheias quer a nível nacional, quer a nível internacional", reconhece o diretor, Marco Carvalho.

TEXTO **CYNTHIA VALENTE**

Escassez de professores, más condições físicas das escolas e sentimento de insegurança nos recreios por falta de assistentes operacionais são os principais motivos apontados pelos pais para recorrerem ao ensino privado. Mas não tem sido fácil conseguir vagas, principalmente na Grande Lisboa e no Grande Porto, segundo a Associação de Estabelecimentos de Ensino Particular e Cooperativo (AEEP). "A falta de vagas em Lisboa e no Porto deverá manter-se. Há novas ofertas, mas na verdade não esperamos uma diminuição da procura e a pressão deverá ser a mesma", explica ao DN Rodrigo Queiroz e Melo, diretor-executivo da AEEP. Segundo este responsável, esta conjuntura de procura superior à oferta tem-se mantido constante nos últimos anos. "Temos sentido desde a pandemia uma maior procura e admitimos que possa suceder por causa dos problemas do setor público. A instabilidade da escola pública, principalmente no que se refere à falta de professores, tem um peso relevante nas opções das famílias. Acreditamos que este ano possa haver um aumento da procura, mas ainda é cedo para ter dados concretos", adianta.

Conforme assinala, tem havido um aumento da oferta de estabelecimentos privados, embora não em número suficiente para fazer face à elevada procura. "A zona do interior, fora do Porto e de Braga, começa a ter cada vez mais projetos, tal como na zona de Lisboa e na Margem Sul. Houve um aumento de vagas, mas, ainda assim, a maioria das escolas tem lista de espera", sublinha. O maior problema "está nas novas inscrições", pois "para os que vêm de fora é mais difícil conseguir colocação". "Contudo, em muitos colégios as pré-inscrições estão abertas o ano inteiro. As famílias podem continuar a procurar colocação para os filhos", salienta.

Aumento das mensalidades não faz diminuir a procura

As famílias com filhos a frequentar o ensino privado têm sentido aumentos nas mensalidades, mas a fatura mais pesada não tem levado a migrações de alunos para o público. "Os aumentos de mensalidade sentem-se mais porque a inflação está muito maior. Nos últimos anos as mensalidades acompanharam a inflação e, com o aumento da inflação, é mais visível em termos absolutos esse acréscimo. Na verdade, as famílias continuam a considerar que o investimento na educação dos filhos é muito importante", refere o diretor da AEEP.

> "Há mais famílias a fazer um esforço para ter os filhos no privado e, em muitos casos, com a ajuda dos avós. Começou na pandemia, o setor cresceu e estamos convictos de que vai continuar a crescer", diz Rodrigo Queiroz e Melo, diretor-executivo da AEEP.

E esclarece ainda que o perfil das famílias que procuram o privado mudou. Uma mudança que se tornou mais visível no período da pandemia de covid-19. "Há mais famílias a fazer um esforço para ter os filhos no privado e, em muitos casos, com a ajuda dos avós. Começou na pandemia, o setor cresceu e estamos convictos de que vai continuar a crescer", explica.

O aumento da oferta de escolas com currículo internacional também contribuiu para o crescimento do setor. "Temos cada vez mais estrangeiros com capacidade financeira que procuram os nossos colégios. É um fenómeno que já é bastante significativo", conclui. Na Grande Lisboa, a oferta de escolas internacionais cresceu 93% nos últimos cinco anos.

"As famílias estão mais disponíveis para fazer um esforço"

Marco Carvalho, diretor do Colégio Júlio Dinis, no Porto, também apostou na criação de uma escola internacional, onde, à semelhança da oferta nacional do colégio, não existem vagas. "Temos

Colégios privados ganharam cinco mil alunos desde 2019

Os dados mais recentes divulgados pela DGEEC mostram que o ensino privado aumentou em cerca de cinco mil o número de alunos matriculados em 2021/2022, face a 2019/2020, o último ano antes da pandemia de covid-19. Ao longo do mesmo período, o sistema de ensino perdeu 16.761 alunos e o decréscimo foi ainda mais significativo no setor público (quase 22 mil). No privado, o maior crescimento foi no ensino secundário, com os colégios a conseguirem quase quatro mil novos alunos, contando com 84.768 estudantes matriculados, o equivalente a cerca de 21% do total. Ainda segundo a DGEEC, os municípios de Lisboa e do Porto têm mais estabelecimentos privados do que escolas públicas.



DR

159

Escolas públicas e 231 privadas em Lisboa.

118

Colégios e 76 escolas públicas no Porto.

2

Em cada 10 alunos frequentam o ensino privado.

as turmas totalmente cheias e sem qualquer capacidade de resposta, quer a nível nacional, quer a nível internacional. E a projeção para o ano letivo de 2025-2026 já ultrapassou a centena de pedidos de reserva de vagas", adianta. Desde setembro de 2023, o responsável já fez "mais de mil apresentações do colégio" e somou "1128 pedidos de informações". Números que revelam a elevada procura pelo setor privado, uma realidade transversal a todas as zonas do país. Recorde-se que os dados mais recentes divulgados pela Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC) revelaram que dois em cada 10 alunos frequentavam escolas privadas no ano letivo de 2021/2022, ano em que havia mais de dois milhões de crianças e jovens inscritos desde o ensino pré-escolar até ao superior (*ver caixa*).

Marco Carvalho também encontra na instabilidade do ensino público a explicação para a elevada procura do setor particular, mas admite que as novas instalações do Colégio Júlio Dinis, um dos maiores colégios privados da zona Norte do país (com 1700 alunos), sejam também um fator do maior interesse das famílias pelo estabelecimento de ensino. O diretor do Colégio Júlio Dinis partilha a mesma opinião de Rodrigo Queiroz e Melo no que se refere à existência de uma maior aposta no investimento das famílias numa educação estável e de qualidade para os filhos. "Fizemos um acerto na mensalidade e tivemos quase 100% de renovações. Não há quase saídas. As pessoas podem não ter mais recursos disponíveis, mas fazem um esforço para investir na educação dos filhos. As famílias estão mais disponíveis para fazer esse esforço", justifica.

O setor privado também sente dificuldade na contratação de professores, mas parte em vantagem em relação ao público, pois pode melhorar as condições de carreira do seu corpo docente, retendo assim os seus recursos humanos. "É cada vez mais difícil contratar e é por isso cada vez mais importante criar boas condições para os professores, porque, se não o fizermos, estamos mais expostos a esse risco", conclui Marco Carvalho.

Famílias fazem múltiplas pré-inscrições para garantir uma vaga

CORRIDA Procura por escola no privado deve ser feita com antecedência, avisam pais, pois ter condições para pagar não significa ter um lugar garantido.

Joana Marques, magistrada, mãe de três crianças, fez pré-inscrição em três estabelecimentos de ensino privado para o ano letivo de 2025-2026. A escola que os filhos gémeos, de nove anos, frequentam não tem oferta de 2.º ciclo e "a janela temporal começa a ficar curta". Apesar de tentar várias opções, não obteve garantia de vaga em nenhuma das escolas e terá de aguardar uma resposta. Esta dificuldade já não é nova para a encarregada de educação, que passou pelo mesmo quando transferiu os filhos de escola. "Não tem sido fácil. Fazemos pré-inscrição, pagamos a taxa, mas nenhum colégio garante vaga. A meio do ciclo, quando os transferi a primeira vez, foi muito difícil. Ficaram numa escola que não é na minha área de residência, mas era a única com vagas e a nível de ensino estou muito contente", recorda. A saga da procura recomeçou, embora as crianças, a frequentar o 3.º ano, só precisem de mudar de escola para o ano letivo de 2025-2026. "Esta situação deixa-me ansiosa e preocupada, porque não sei quando terei resposta. Tenho mais amigos na mesma situação. Cada vez mais as famílias têm de procurar uma escola com muito tempo de antecedência." Questionada pelo DN sobre o motivo que a leva a não considerar a escola pública, Joana Marques aponta várias causas. "O público não é opção por causa da instabilidade do corpo docente, os professores contratados mudam de escola todos os anos e há muitos miúdos sem professor a uma ou mais disciplinas. E isso é assustador, principalmente para os alunos que vão fazer exame. Pelo menos essa parte as escolas privadas garantem", justifica. A somar a essas preocupações está "a ausência de atividades integradas no currículo e não apenas como AEC (Atividades de Enriquecimento Curricular)". "Não é fácil encontrar uma escola que ofereça valências diversificadas. A insegurança que há nas escolas também pesa muito na minha escolha. As escolas são lugares pouco seguros, algo que vejo, na prática, na minha experiência profissional. Há poucos funcionários nos recreios para vigiar as crianças", desabafa.

Alexandra e Ricardo Pereira, pais de uma menina de sete anos e um rapaz de 10, estão a passar pelo mesmo processo de procura de uma vaga e apresentam as mesmas justificações para não optar pelo ensino público. "Vão ficar em escolas diferentes, para já. As escolas que queríamos não tinham vaga. Procurámos três alternativas antes de termos um sim. Andámos quase dois anos à procura e percebemos que foi tarde. Fizemos pré-inscrição em três colégios e acabámos por ficar no terceiro", recordam. Contudo, numa fase inicial a opção era a escola pública. A falta de professores fez o casal mudar de ideias e procurar garantias de estabilidade. "O que nos fez mudar de opinião foi a instabilidade da escola pública, principalmente a falta de docentes. Temos amigos com filhos no público a viver esse drama da falta de professores. Acreditamos que no privado daremos mais oportunidades de futuro aos nossos filhos. Além disso, a escola pública pode ser gratuita, mas é preciso pagar as atividades extracurriculares e as explicações, se for necessário", referem, sublinhando que "o privado já acautela essas situações".

Alexandra e Ricardo conseguiram vaga fora da área de residência, implicando deslocações mais demoradas. Contudo, garantem, o esforço é necessário para garantir uma educação estável para os filhos.

> O plano inicial de Alexandra e Ricardo era que os filhos frequentassem o ensino público, mas acabaram por seguir outro rumo: "O que nos fez mudar de opinião foi a instabilidade da escola pública, principalmente a falta de docentes."



Edil portuense foi o anfitrião da cerimónia de assinatura do acordo da Aliança Democrática, na Alfândega do Porto, no dia 7 de janeiro.

Autarcas do PSD dizem que Moreira a cabeça de lista da AD será "traição"

EUROPEIAS Vladimiro Feliz, candidato à câmara do Porto, é um dos subscritores de manifesto que adverte Montenegro das "marcas profundas na confiança que os portuenses têm no PSD".

TEXTO **LEONARDO RALHA**

Um manifesto subscrito por mais de duas dezenas de autarcas e outros militantes do PSD, entre os quais Vladimiro Feliz, que foi o candidato social-democrata à Câmara do Porto nas autárquicas de 2021, qualifica de "traição" a escolha de Rui Moreira para cabeça de lista da Aliança Democrática (AD) nas eleições para o Parlamento Europeu. Tal decisão é tida como garantida e será oficializada na reunião do Conselho Nacional do PSD, hoje à noite, num hotel de Lisboa.

"Confrontados com os atuais rumores, cada vez mais certos, de que o atual edil do Porto venha a ser cabeça de lista, indicado pelo PSD, às próximas eleições europeias, queremos deixar claro publicamente que nos demarcamos desta opção, pois consideramos ser uma traição aos portuenses, aos militantes, simpatizantes e autarcas eleitos pelo PSD, que não temos dúvidas de que deixará marcas profundas na confiança que os portuenses têm no PSD", lê-se no texto, a que o DN teve acesso, e que tem entre os subscritores, além de Feliz, o líder do grupo social-democrata na Assembleia Municipal do Porto, Miguel Corte-Real, os candidatos a vereadores Filipe Sampaio Rodrigues e Rita Monteiro de Sousa, o candidato à União de Freguesias de Aldoar, Foz do Douro e Nevogilde, João Pedro Antunes, e o diretor de campanha, Tiago Mota e Costa.

Todos estiveram envolvidos na candidatura do PSD à Câmara do Porto em 2021, altura em que o então líder social-democrata Rui Rio desafiou Vladimiro Feliz, que tinha sido seu vice-presidente nessa autarquia. Este não conseguiu evitar o terceiro mandato de Rui Moreira, mas aumentou a votação o suficiente para impedir que o movimento independente do autarca (apoiado pelo CDS-PP e pela Iniciativa Liberal) mantivesse maioria absoluta no executivo camarário. Com seis elementos, contra sete da oposição (três do PS, dois do PSD, uma do PCP e um do Bloco de Esquerda), contornou o problema com a passagem a independente da eleita socialista Catarina Santos Cunha, que ficou com pelouros.

Em rota de aproximação ao PSD, Rui Moreira esteve na cerimónia de assinatura do acordo da Aliança Democrática, que teve lugar no edifício da Alfândega do Porto a 7 de janeiro. E participou num comício de campanha, na Trofa, oito dias antes das legislativas, garantindo a Luís Montenegro que contaria com o seu voto, pois "ser independente não é ser neutral".

Nesse contexto, e já após a distrital social-democrata do Porto ter discutido o nome de Moreira como possível cabeça de lista às eleições para o Parlamento Europeu, nas quais o PSD concorre em coligação com o CDS-PP e o PPM, um grupo de militantes decidiu assumir uma posição, divulgada antes do Conselho Nacional. "Foi de forma a que possa haver uma reflexão", disse ao DN Miguel Corte-Real, líder dos sociais-democratas na Assembleia Municipal do Porto.

Caso Rui Moreira venha a ser confirmado hoje à noite, encabeçando uma lista que deve ter nos lugares cimeiros Pedro Alves, vice-presidente do PSD, a atual eurodeputada (e agora vice-presidente do Partido Popular Europeu) Lídia Pereira, bem como uma candidata designada pelo CDS-PP, "há gente que vai ficar muito desagradada", garante Corte-Real. Por seu lado, Vladimiro Feliz, que suspendeu o mandato de vereador em dezembro e está afastado da política, disse ao DN que assinou o manifesto por "respeito e coerência com aqueles que me acompanharam e que em nós votaram".

"O facto de Rui Moreira ter visto decrescer a sua popularidade ao longo dos seus mandatos não será alheio a esta estratégia de em todos os momentos se ter tentado dar com Deus e com o diabo, sem esconder fortes ataques ao sistema partidário."

"A proximidade que sempre manteve e mantém com António Costa, tendo afirmado que 'Portugal tinha a sorte de ter António Costa como primeiro-ministro', torna difícil, ou não, de compreender a recente aproximação à AD."

"Confrontados com os atuais rumores, cada vez mais certos, de que o atual edil do Porto venha a ser cabeça de lista, indicado pelo PSD, às próximas eleições europeias, queremos deixar claro publicamente que nos demarcadmos desta opção."

Manifesto subscrito por 20 autarcas do PSD-Porto



PAULO NOVAIS/LUSA

Centristas apresentam poucas novidades nos órgãos dirigentes eleitos no 31.º Congresso.

Melo faz renovação com listas quase decalcadas

CDS-PP Líder mantém os sete vice-presidentes, o secretário-geral e a maioria dos vogais. Ainda assim, diz ter "vários novos nomes".

TEXTO **LEONARDO RALHA**

A renovação prometida por Nuno Melo para o segundo mandato na liderança do CDS-PP não impediu que as listas para os órgãos dirigentes do partido, reveladas ontem de manhã, tenham parecido decalcadas das que trouxeram os centristas de volta à Assembleia da República e ao Governo. Sobretudo na Comissão Política Nacional, na qual se mantiveram os sete vice-presidentes (Álvaro Castello-Branco, Telmo Correia, Paulo Núncio, Ana Clara Birrento, Diogo Moura, João Varandas Fernandes e Maria Luísa Aldim), o secretário-geral Pedro Morais Soares e a porta-voz Isabel Galriça Neto.

Mesmo assim, à chegada ao Pavilhão Cidade de Viseu, antes de a sua direção ser aprovada por 89,3% dos participantes no 31.º Congresso do CDS-PP, com apenas 65 votos em branco e 17 nulos, Nuno Melo argumentou que a Comissão Executiva "tem vários nomes novos", com "muita renovação e muitas mulheres" entre os dirigentes de um partido que visa dirigir-se a eleitores mais jovens e a novas causas. Certo é que uma maiores novidades, Tomás Amaro Monteiro, que passa a coordenador da Comunicação, é secretário-geral da Juventude Popular, e entre os novos vogais executivos estão Raquel Paradela, tida como forte hipótese para o lugar elegível a que o CDS-PP terá direito na lista da Aliança Democrática ao Parlamento Europeu, e Vasco Becker-Weinberg, que cumpre o resto do mandato do ministro da Defesa Nacional. No entanto, outros dos que se juntam à direção não têm esse perfil, como Fernando Barbosa, coordenador autárquico nacional, tal como foi na liderança de Francisco Rodrigues dos Santos.

Num 31.º Congresso em que a oposição esteve quase ausente do Pavilhão Cidade de Viseu – ainda que, na CNN, Rodrigues dos Santos tenha admitido desfiliar-se e utilizado o termo "clubinho privado de portas fechadas à renovação", com Melo a responder que "a grande beleza da democracia está na liberdade de opinião" –, a mudança de nomes incidiu ainda no Conselho Nacional (Luís Queiró substitui Pedro Mota Soares) e na entrada de Bruno Bobone e Hélder Amaral enquanto vogais executivos.

Na intervenção final, em que Nuno Melo anunciou a criação de uma comissão para a celebração do 50.º aniversário do 25 de Novembro de 1975, acertada com Luís Montenegro, o ministro da Defesa Nacional recordou que PSD e CDS-PP nunca perderam eleições legislativas quando juntaram forças. E, garantindo que os centristas saberão "estar à altura dos tempos e das circunstâncias", desferiu mais um ataque ao Chega. Para o líder centrista, nas eleições para o Parlamento Europeu, que se realizam a 9 de junho, o conceito de liberdade está "ameaçado pelo crescimento da extrema-esquerda nostálgica do imperialismo soviético e pela extrema-direita simpatizante, e por vezes aliada, do imperialismo de Putin".

leonardo.ralha@dn.pt

DIREÇÃO

QUEM FICA
Nuno Melo - presidente
Álvaro Castello-Branco - vice
Telmo Correia - vice
Paulo Núncio - vice
Ana Clara Birrento - vice
Diogo Moura - vice
João Varandas Fernandes - vice
Maria Luísa Aldim - vice
Pedro Morais Soares - sec.-geral
Isabel Galriça Neto - porta-voz

QUEM SOBE
Catarina Araújo - porta-voz
Durval Tiago Ferreira - porta-voz
Raquel Paradela - vogal executiva

QUEM CHEGA
Tomás Amaro Monteiro - coordenador comunicação
Ricardo Pinheiro Alves - gabinete apoio programático
Bruno Bobone - vogal executivo

QUEM VOLTA
Fernando Barbosa - coordenador autárquico
Hélder Amaral - vogal executivo

Ricardo Alexandre (TSF): "O Pedro foi um exemplo para todos nós"

OBITUÁRIO Pedro Cruz morreu ontem aos 53 anos vítima de doença prolongada. Ficam as "memórias" e a "saudade" de um jornalista que "fazia tudo".

TEXTO **ANA MAFALDA INÁCIO**

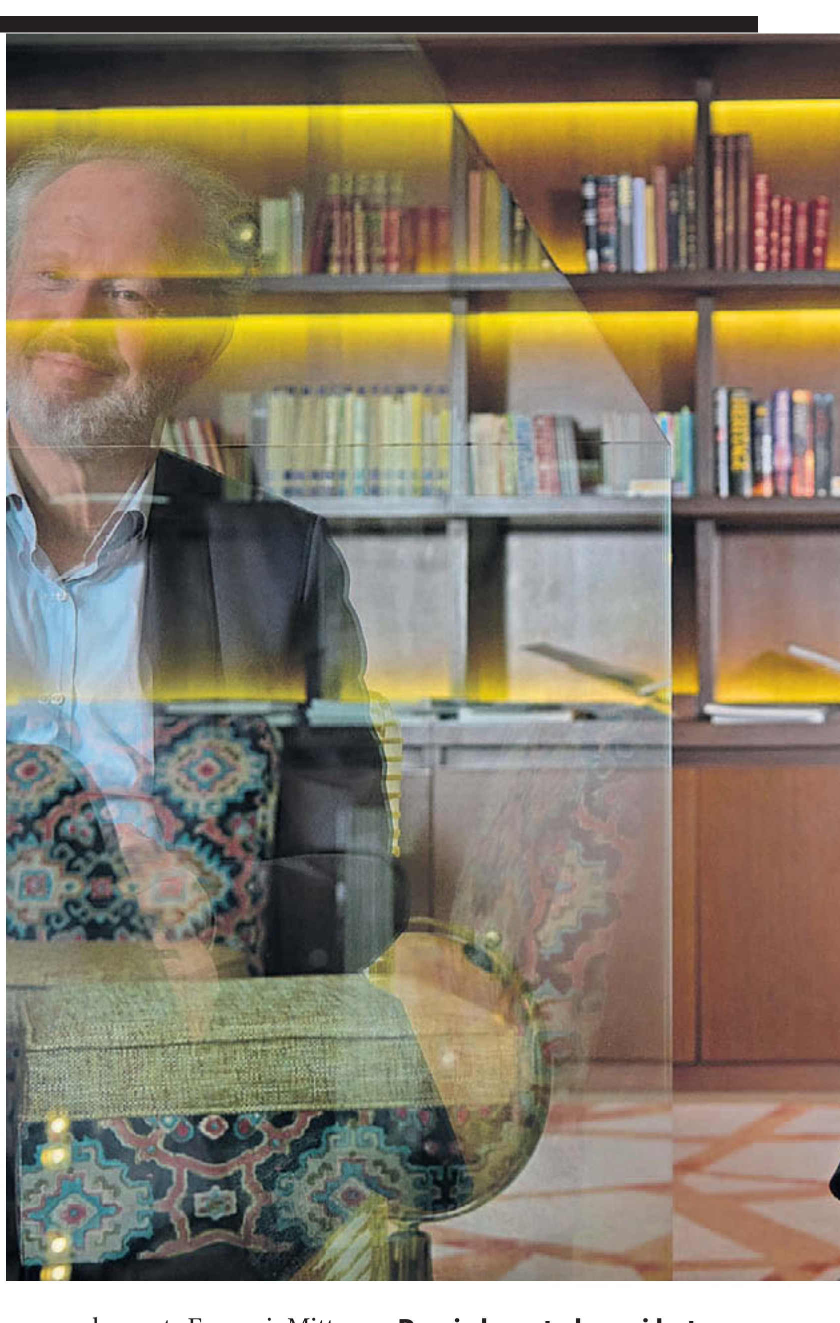
A voz era inconfundível, fosse na rádio ou na televisão. E o mesmo aconteceu com a escrita nos jornais. Da notícia à reportagem ou ao comentário político. Pedro Cruz, ou para muitos só o Pedro, começou cedo a deixar a sua marca. Sabia o que queria e o que queria fazer no jornalismo, profissão que, diz quem o conheceu, escolheu logo aos 11 anos. Foi daqueles jornalistas que fez de tudo. Ainda há bem pouco tempo, em fevereiro de 2022, foi dos primeiros repórteres portugueses a chegar à Ucrânia para relatar a guerra. "Podia ter ficado no sossego da Redação, era Diretor Executivo", mas escolheu ir, ser simplesmente jornalista, "e fez de tudo durante dois meses". "Escreveu textos para o DN, para o site da TSF, fez várias reportagens por dia para a rádio, alguns diretos, fotografou, filmou, fez trabalho para o Tik Tok. Foi polivalente e um exemplo para todos nós", conta Ricardo Alexandre, da TSF, que diz ter perdido "um amigo" e "um camarada".

Pedro Cruz tinha 53 anos. Morreu este domingo quando estava internado no Hospital CUF Tejo, em Lisboa, vítima de um tumor no pulmão. Formou-se na Escola Superior de Jornalismo do Porto e aos 21 anos começou a trabalhar em várias rádios locais. Passou pelo DN e depois pela rádio TSF, mas, em 1998, decidiu abraçar um outro projeto, para fazer televisão. Ingressou na SIC, cobriu a área política, no dia a dia, nas campanhas e em outros ambientes de reportagem. "Foi um repórter extraordinário. Seguríssimo a fazer diretos, muito assertivo e incisivo a questionar os dirigentes políticos e muito eficaz no terreno, durante as campanhas e nos congressos", recorda Ricardo Alexandre. Nesta estação de televisão, ficou até setembro de 2021 e foi jornalista e subdiretor de Informação. Voltou a mudar o rumo, para regressar à rádio e à Redação da TSF, onde foi diretor executivo até setembro de 2023. No DN, passou a assinar uma crónica semanal, que manteve até há poucos dias, tendo o seu último texto sido publicado a 16 de abril e no qual questionava: "Para onde corre Passos Coelho?". No Global Media Group desempenhou ainda o cargo de diretor de inovação. Deixou a direção da TSF em setembro de 2023, mas não deixou o comentário político, passando a fazê-lo numa outra estação de televisão, a CNN. A paixão pelo jornalismo fê-lo passar também pelo ensino e pela Universidade Católica de Braga, onde foi professor. Do jornalista Pedro Cruz, Ricardo Alexandre diz ainda que tinha "muita sensibilidade para os ambientes de reportagem", como o demonstrou no Kosovo, mais um cenário de guerra onde se encontraram. Do amigo, recorda que se conheciam há muitos anos e que a relação de ambos cresceu e fortaleceu-se. Nos últimos tempos, "almoçávamos muitas vezes. Ia acompanhando o evoluir da doença. Ele fazia questão de contar passo a passo o que estava a fazer e as terapias novas que experimentava. Até ao fim, senti nele a esperança de que conseguiria resistir. Infelizmente não, mas fica a saudade, a memória e a amizade para sempre".

A Administração do Global Media Group, em comunicado, prestou homenagem a Pedro Cruz, "agradecendo o seu contributo às empresas e títulos do Grupo e reconhecendo o legado que deixou ao jornalismo em Portugal", apresentando condolências à família e aos amigos em luto.



Pedro Cruz foi dos jornalistas que fez de tudo nas Redações.



Yves Léonard

"A intuição, a vontade, a inteligência de Soares a seguir ao 25 de Abril é dizer que não é possível a democracia em Portugal sem a Europa"

REVOLUÇÃO Autor de livros como *História da Nação Portuguesa* e *História do Portugal Contemporâneo* e também da biografia *Salazar*, o francês Yves Léonard publicou agora este *Breve História do 25 de Abril* (Edições 70). Em Lisboa a convite da embaixada francesa, conversou com o DN sobre Spínola, Otelo, Cunhal, Soares e Eanes e de como a partir de uma revolução os portugueses construíram uma democracia.

ENTREVISTA **LEONÍDIO PAULO FERREIRA**

Este seu livro sobre o 25 de Abril nasce como uma síntese para os franceses. Aliás, o título original, *Sous Les Oeillets, La Révolution*, é um piscar de olho ao célebre dito do Maio de 68 "debaixo da calçada, a praia". Os franceses hoje têm ideia do que foi esta Revolução de há meio século em Portugal?
Sim, um pouco. É difícil de responder. Acho que para os homens e mulheres da minha geração é um evento muito importante, porque nos lembramos do 25 de Abril quando tínhamos 20 anos, 15 anos, etc. Mas para os jovens de agora, em França, não sei exatamente. Mas o que é importante salientar é que o 25 de Abril, a transição democrática, consta no programa dos liceus para o *baccalauréat*, hoje, em França. Para compreender a natureza da transição, como passar de uma ditadura, de um regime autoritário, para uma democracia. E para comparar a transição espanhola, que foi pactada, negociada, com uma transição de rutura como o 25 de Abril. É muito interessante para os franceses saberem a diferença.
Quando pensa nos potenciais leitores franceses do livro, está a pensar também, por exemplo, na 2.ª e 3.ª gerações da emigração portuguesa, já cidadãos franceses nascidos em França, que podem ter curiosidade em saber mais sobre a história do país dos seus pais?
Acho que sim, é importante para os alunos na universidade, por exemplo, e temos muitos lusodescendentes. E é importante para esses alunos estudarem a história de Portugal, conhecerem o século XX português. Mas esta comemoração dos 50 anos do 25 de Abril, em França, é importante em sentido geral. Os jornalistas e os especialistas têm tido muitas solicitações para explicar o 25 de Abril.
No seu caso, como historiador que conhece muito bem Portugal, tem sido convidado a explicar a Revolução de 1974 aos franceses?
Sim, porque é uma comemoração importante, 50 anos é importante, e, obviamente, também por causa da



"O início da Revolução é a vontade dos oficiais intermédios de fazer algo para terminar com a Guerra Colonial. Antes de tudo é o mais importante. Obviamente, há o fim da ditadura, a democracia, etc."

atualidade política portuguesa. Isto é, as eleições de 10 de março e o resultado do Chega. É uma pergunta muito presente em França tentar compreender a ligação entre a comemoração dos 50 anos e os resultados eleitorais de agora. Por outro lado, na universidade, na última semana, fizemos um colóquio em Sciences Po, que é onde ensino, sobre a dimensão internacional do 25 de Abril, com especialistas franceses e estrangeiros que são professores em França, como o italiano Mario Del Pero e o alemão Philipp Muller, para explicar o 25 de Abril do ponto de vista internacional. Não só o início da terceira vaga de democratização, mas também o contexto das relações entre a União Soviética e os Estados Unidos para explicar a evolução do processo revolucionário português. E tivemos a presença do professor Nuno Severiano Teixeira, que abordou a dimensão internacional no âmbito da Aliança Atlântica, etc. Foi muito interessante.
Falou do interesse da sua geração pela Revolução portuguesa. Esse interesse gerou uma espécie de turismo revolucionário e houve muitas figuras que vieram a Portugal. Como disse alguém, era a única revolução à qual se podia ir de carro.
Obviamente. Figuras como Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Serge July e também muitos líderes políticos da esquerda em França, nomeadamente François Mitterrand, Michel Rocard, Jean-Pierre Chevènement, todos fizeram uma viagem muito importante durante os anos de 1974 e 1975. Vieram a Portugal para compreender a Revolução portuguesa e mais do que isso. Isto é, para explicar a situação em França, as relações entre o Partido Comunista e o Partido Socialista, essa união da esquerda que se procurava construir em França, e ver a oposição entre Mário Soares e Álvaro Cunhal aqui. No fundo, para compreender o esquerdismo dentro da Revolução portuguesa e em França.
Fiquei surpreendido ao saber, graças a uma exposição organizada pela Embaixada de França em Lisboa, que tinha havido um debate na televisão francesa, em francês, entre os quatro líderes partidários principais, Mário Soares, Francisco Sá Carneiro, Álvaro Cunhal, Diogo Freitas do Amaral e ainda Vítor Alves, do MFA. Os franceses estavam mesmo interessados em saber o que se passava neste recanto da Europa?
Sim, porque durante 1974 havia uma pergunta muito importante para a em França: como vencer as eleições? Em 1974, no início de maio, tivemos uma eleição presidencial em França com a vitória do centro-direita, com Valéry Giscard d'Estaing.
Depois da morte do presidente Georges Pompidou, no início de abril. Aliás, o *Le Monde* e o *Le Figaro*, nas edições que fazem manchete com a Revolução portuguesa, têm várias notícias sobre a campanha para as presidências francesas.
Sim, porque temos a morte de Pompidou no início do mês de abril, a 2 de abril. E durante todo o mês de abril, obviamente, a atualidade em França é sobre as eleições. Mas com a Revolução e a vitória de Giscard d'Estaing, para Mitterrand é muito importante compreender a Revolução portuguesa, visto que a ideia é fazer alguma coisa que fosse muito semelhante ao processo e à vitória última de Mário Soares, que acontece nas eleições de 1975. É um modelo para este tipo de esquerda.
Mas é curioso dizer isso, porque Mitterrand ganha as eleições presidenciais em 1981, faz uma aliança com os comunistas, mas a afirmação do PS de Soares não foi dessa forma, foi por oposição aos comunistas.
Sim. A união da esquerda em França é de 1972. E em 1974, 1975, as relações são muito difíceis entre o Partido Comunista e o Partido Socialista em França. É a importância da Revolução portuguesa. Acho que a ideia de Mitterrand de fazer uma união da esquerda muito especial para vencer o Partido Comunista dentro da própria união é uma ideia




PAULO ALEXANDRINO/GLOBAL IMAGENS

que tem ligação com a história do processo revolucionário.

Como académico que tem estudado a história de Portugal profundamente, não só a contemporânea, mas a mais antiga, esta Revolução portuguesa só pode ser compreendida pela história de Portugal? Ou seja, porque Portugal tinha ainda um império colonial, porque Portugal tinha uma ditadura que vinha de antes da II Guerra Mundial? Esta Revolução é muito portuguesa?

Obviamente que é uma revolução tipicamente portuguesa. A ligação com a Guerra Colonial é muito importante. O início da Revolução é a vontade dos oficiais intermédios de fazer algo para terminar com a Guerra Colonial. Antes de tudo, terminar com a Guerra Colonial. É o mais importante. Obviamente, há o fim da ditadura, a democracia, etc., mas no início a ideia é de terminar com as guerras coloniais. E, claro, em França e noutros países europeus já não tínhamos colónias. Desde o início dos anos 60 em França. É uma situação muito, muito diferente, especialmente para a esquerda.

O regime português, mesmo após a morte de Salazar e a ascensão de Marcello Caetano, era visto no resto da Europa como algo já fora do tempo, uma relíquia histórica?

Sim, em França, nomeadamente, tínhamos a visão de um regime muito antigo, do passado. "O velho homem de Lisboa", "o velho ditador de Lisboa", como escreveu o *Le Monde* quando Salazar morreu em julho de 1970. É o velho ditador do antigo regime. É a expressão do jornalista do *Le Monde*, "o ditador do antigo regime". E acho que os franceses desse tempo pensavam que Salazar era o homem do passado. O homem do passado que não é normal ficar no poder durante 40 anos. Era uma anomalia, era contra os ventos da história.

Soares era uma figura conhecida em França?

Obviamente que sim.

O líder socialista é uma das estrelas da Revolução, do ponto de vista dos franceses? Os jornalistas franceses é sobretudo para Soares que olham como agente da Revolução?

Sim, mas não no início do processo revolucionário Mário Soares, em França, é conhecido como um amigo do país, porque viveu em Paris, ensinou em Paris, trabalhou na Universidade de Rennes, etc., desde o início dos anos 70. Mas, antes de tudo, Soares é um amigo de François Mitterrand. É um amigo da esquerda socialista. Na Europa, mas sobretudo em França, é conhecido como o amigo de François Mitterrand. Mas para os franceses desse tempo Soares não era ainda muito famoso. Mas durante o processo revolucionário vai destacar-se.

Quais são as figuras da Revolução portuguesa por quem os franceses se interessam logo, desde o primeiro dia? O general António de Spínola? Otelo Saraiva de Carvalho, encarnação do MFA?

No início, a figura mais importante é Spínola. Por exemplo, eu lembro-me da Revolução portuguesa, tinha então 13 anos de idade. Era muito jovem, mas a primeira imagem da Revolução em França, para a minha geração, é Spínola. É ele que aparece depois na capa da revista *Time*, de monóculo. Para a minha geração, a identificação da Revolução é este homem, que não é muito simpático, que parece muito velho. E a Revolução dos Cravos começa por ser Spínola. E depois, muito rapidamente, é Otelo, porque é uma figura muito romântica. É muito especial e fala muito bem francês. Na televisão francesa, por exemplo, numa entrevista, um jornalista francês muito famoso, já falecido, Dominique De Roux, pergunta como se fez o 25 de Abril. Com quantos homens? Três mil, quatro mil? E Otelo respondeu em francês, com um sorriso. É muito simpático. É o homem do radicalismo, de todas as esperanças de Abril. Para o esquerdismo francês é muito importante. Obviamente, no Partido Socialista Mitterrand e outros não gostam muito de Otelo. Mas para muitas pessoas em França Otelo é o símbolo dos cravos de Abril. Depois, Soares surge como a figura da democracia portuguesa.

Quando está a estudar o 25 de Abril e o que se seguiu, fica com a ideia de que, apesar de todas as convulsões, a democracia estava destinada a ganhar ou poderia ter sido outro o caminho de Portugal?

Muitas opções foram possíveis naqueles tempos. Para fazer história, acho que o mais importante é evitar fazer anacronismo. Evitar, só porque sabemos o fim da história, explicar o início da história.

Faço a pergunta de outra forma. O comunismo podia ter triunfado realmente em Portugal?

Acho que a eventualidade da tomada de poder pelo Partido Comunista Português é uma ideia que é falsa. Claro que dentro do Partido Comunista a ideia era tomar o poder. Mas não era possível, porque, apesar da organização do Partido Comunista, apesar da atitude do Partido Comunista, outros partidos, e dentro do próprio MFA, se opunham. Era difícil. O ponto mais importante , porém, é salientar a dimensão internacional.

A atitude da União Soviética nunca foi entusiasta da tomada de poder?

A linha Brejnev não era favorável à tomada do poder pelo Partido Comunista. Dentro da União Soviética outras opções não foram tidas em conta. É uma situação muito especial, pois o Verão Quente coincide com a assinatura dos Acordos de Helsínquia, aquilo a que se chama em francês a *détente*, a evolução das relações da Guerra Fria.

Que é paralela à Revolução portuguesa e ao Processo Revolucionário em Curso (PREC)?

Sim, no início do mês de agosto de 1975, a atitude da Europa Ocidental e da União Soviética é de calma. E para Álvaro Cunhal e o aparelho do Partido Comunista é tudo muito mais difícil. E no fim do mês de agosto, início do mês de setembro, dá-se o fim da experiência heterodoxa do governo de Vasco Gonçalves, do último governo de Vasco Gonçalves. Há uma ligação com a atualidade internacional. E com o papel muito importante do embaixador americano aqui em Lisboa, Frank Carlucci.

Fala-se muito do 25 de Novembro de 1975 como o fim do processo revolucionário. Mas as eleições constituintes terem sido mantidas na data prometida, a 25 de abril de 1975, permitindo perceber o que valia em votos cada partido, não foi importante para definir o rumo?

É um processo, não só revolucionário, que não está escrito desde o início. Isto é, no 25 de Abril o que se diz é que é para terminar as guerras coloniais e terminar a ditadura. E depois o programa do MFA não é claro. Democratizar, descolonizar, desenvolver, etc. Não é preciso e temos muitas opções. Uma opção é fazer um ciclo eleitoralista com eleições para a Assembleia Constituinte. O processo é muito difícil. Muitos partidos não têm uma vontade clara de irem para eleições. O mais importante, pensam, é fazer alguma coisa que não é nem ocidental nem é soviética. Isto é, como se diz, não haver um alinhamento nem com o Ocidente e nem com o Leste. Por exemplo, figuras como Melo Antunes, etc., são homens com essa ideia. Mas é uma ideia que não é fácil de conciliar com a Aliança Atlântica, que é a pedra angular da política externa portuguesa desde o fim dos anos 40. No início do processo revolucionário, a ideia é respeitar os acordos internacionais de Portugal e, nomeadamente, a Aliança Atlântica. E só no Verão Quente é que a ideia é fazer alguma coisa que seja diferente. O problema para os responsáveis políticos é dizer que vamos fazer alguma coisa de singular, e, ao mesmo tempo, lidar com a visão dos americanos, nomeadamente de Carlucci, mas também de Henry Kissinger, que é de dizer OK, o perigo vermelho não é muito importante, mas não é preciso ter um Portugal que é o mesmo que a Jugoslávia. Isto é, neste caso um país que é ocidental mas com ideias entre os dois blocos. A ideia de Kissinger e da diplomacia americana é de evitar esta situação. Com políticas muito diferentes entre a visão de Kissinger e a atitude de Carlucci.



YVES LÉONARD
Breve História do 25 de Abril
Edições 70
132 páginas
15,90 euros

Ramalho Eanes é uma figura decisiva neste processo de definir o rumo democrático da Revolução?

Sim, Eanes é o homem do 25 de Novembro e o primeiro Presidente da República eleito democraticamente em Portugal. É um general muito especial, é o homem da chamada consolidação democrática. O fim do processo iniciado durante a crise do 25 de Novembro de 1975. Mas é impossível falar do 25 de Novembro sem falar do 25 de Abril. Por um lado, é o fim do processo revolucionário e, por outro, é o início de uma fase de transição e de consolidação democrática, mas essa consolidação não é terminada em 1976 com a Constituição e as eleições legislativas. A consolidação termina em 1982, como o fim do Conselho da Revolução, e em 1986, com a eleição de Mário Soares como primeiro Presidente civil.

No ano também de entrada na União Europeia, uma vontade de Soares desde que foi eleito primeiro-ministro uma década antes.

A intuição, a inteligência, a vontade de Soares a seguir ao 25 de Abril é de dizer que não é possível consolidar a democracia em Portugal sem a Europa. O mais importante é pertencer à Europa e ter uma aproximação com a Europa Ocidental, porque é a única forma de consolidar a democracia em Portugal.

Então 1986 é o ano que marca o fim do processo de consolidação da democracia portuguesa?

Sim. Por Soares como Presidente civil e pela União Europeia. Mas 1976 é muito importante, e 1982, com o fim do pretorianismo, do papel especial dos militares em Portugal desde o século XIX e também no 28 de Maio de 1926. É um momento importante o fim do Conselho da Revolução. E depois um civil como chefe do Estado. A União Europeia, então CEE, não era a única solução, certamente, e para muitas pessoas não era uma boa solução, pois era uma solução de democracia ocidental. Mas acho que é quase impossível imaginar outra solução para terminar o processo revolucionário. E há aqui a inteligência de Soares, porque mesmo no Partido Socialista, antes da candidatura em 1977 com Medeiros Ferreira como ministro dos Negócios Estrangeiros, havia divisões e quem achasse que não era essa a solução.

E Soares?

Ele diz: "Ok, compreendo, mas a minha decisão é a Europa. A Europa está connosco."

Há uma explosão de resíduos de plástico. Poderá a reciclagem de nova geração contê-la?

AMBIENTE Grandes marcas, como a Procter & Gamble e a Nestlé, afirmam que uma nova geração de fábricas as ajudará a cumprir os desafios ambientais, mas a tecnologia tem dificuldade em cumprir os objetivos.

TEXTO **HIROKO TABUCHI,** *THE NEW YORK TIMES* FOTOS **MADDIE MCGARVEY**

A partir de 2025, a Nestlé promete não usar nenhum plástico que não seja reciclável nos seus produtos. Nesse mesmo ano, a L'Oréal afirma que todas as suas embalagens serão "recarregáveis, reutilizáveis, recicláveis ou compostáveis". Até 2030 a Procter & Gamble promete reduzir para metade o uso de resina plástica virgem feita de petróleo.

Para chegar lá, estas e outras empresas estão a promover uma nova geração de unidades de reciclagem, denominadas reciclagem "avançada" ou "química", que prometem reciclar muito mais produtos do que os que podem ser reciclados atualmente.

Até agora, a reciclagem avançada tem tido dificuldades para cumprir a sua promessa. No entanto, a nova tecnologia está a ser saudada pela indústria dos plásticos como uma solução para um crescente problema global de resíduos. A abordagem tradicional para a reciclagem é simplesmente triturar e derreter os resíduos plásticos. Os novos operadores de reciclagem avançada dizem que podem decompor o plástico muito mais, em blocos de construção moleculares mais básicos, e transformá-lo em novo plástico.

> Os novos operadores de reciclagem avançada dizem que podem decompor o plástico em blocos de construção moleculares mais básicos e transformá-lo em novo plástico.


Reciclagem "avançada" ou "química" promete reciclar mais produtos.

A PureCycle Technologies, empresa com destaque nos compromissos com plásticos na Nestlé, L'Oréal e Procter & Gamble, gere uma dessas instalações: uma fábrica de 500 milhões de dólares (cerca de 470 milhões de euros) em Ironton, Ohio. A unidade deveria começar a operar originalmente em 2020, com capacidade para processar até 182 toneladas de polipropileno descartado, um plástico difícil de reciclar, amplamente utilizado em copos descartáveis, potes de iogurte, cápsulas de café e fibras de roupas todos os dias.

No entanto, os últimos meses da PureCycle foram repletos de contratempos: problemas técnicos na fábrica, ações judiciais de acionistas, questões sobre a tecnologia e um relatório surpreendente de investidores contrários que ganham dinheiro quando o preço das ações cai. Estes afirmaram ter sobrevoado as instalações com um drone que mostrou que a fábrica estava longe de ser capaz de produzir muito plástico novo.

Mas a empresa, com sede em Orlando, Flórida, disse que continua no caminho certo. "Estamos a aumentar a produção", referiu o seu presidente executivo, Dustin Olson, durante uma recente visita à fábrica, uma constelação de tubos, tanques de armazenamento e torres de refrigeração em Ironton, perto do rio Ohio. "Acreditamos nesta tecnologia. Vimo-la a funcionar, estamos a avançar a passos largos", acrescentou.



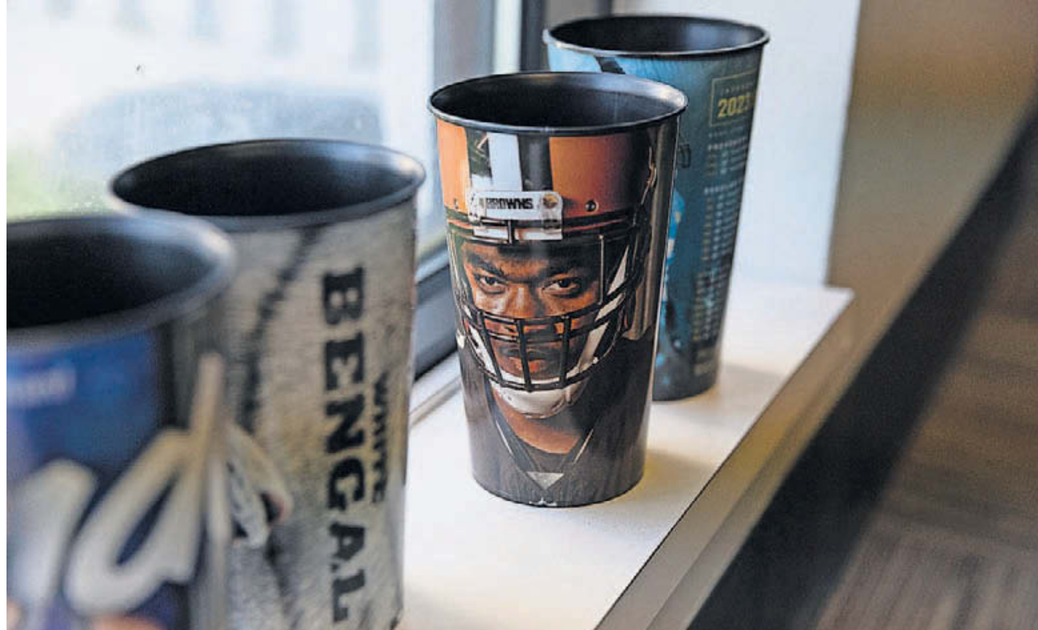
Dustin Olson, executivo-chefe da PureCycle Technologies, na fábrica da empresa em Ironton, Ohio.



A Nestlé, a Procter & Gamble e a L'Oréal também expressaram confiança na PureCycle. A L'Oréal disse que a empresa foi um dos muitos parceiros que desenvolveu uma gama de tecnologias de reciclagem e a Procter & Gamble reiterou que espera usar o plástico reciclado para "numerosas aplicações de embalagens, à medida que aumenta a produção". A Nestlé não







As fábricas de reciclagem avançadas estão a lutar para reduzir as cerca de 36 milhões de toneladas de plástico que os americanos descartam todos os anos, o que é mais do que em qualquer outro país.

respondeu aos pedidos de comentários, mas confirmou que está a colaborar com a PureCycle em "tecnologias de reciclagem inovadoras".

Os problemas da PureCycle são emblemáticos dos muitos enfrentados por uma nova geração de fábricas de reciclagem que têm lutado para acompanhar a maré crescente da produção global de plástico, a qual, segundo os cientistas, poderá quase quadruplicar até meados do século.

Uma instalação de reciclagem de produtos químicos em Tigard, Oregon, um consórcio entre a Agilyx e a Americas Styrenics, está em processo de fecho após perdas de milhões de dólares. Uma fábrica em Ashley, Indiana, que pretendia reciclar 100 mil toneladas de plástico por ano até 2021, processou apenas 2 mil toneladas no total no final de 2023, depois de incêndios, derrames de petróleo e reclamações sobre a segurança dos trabalhadores.

Muitas das instalações de reciclagem da nova geração estão a transformar plástico em combustível, algo que a Agência de Proteção Ambiental não considera reciclagem.

Ao mesmo tempo, muitas das instalações de reciclagem da nova geração estão a transformar plástico em combustível, algo que a Agência de Proteção Ambiental (APA) não considera reciclagem, embora grupos industriais afirmem que parte desse combustível pode ser transformado em novo plástico.

No geral, as fábricas de reciclagem avançadas estão a lutar para reduzir os cerca de 36 milhões de toneladas de plástico que os americanos descartam todos os anos, o que é mais do que em qualquer outro país. Mesmo que as 10 fábricas de reciclagem química restantes nos Estados Unidos operassem a plena capacidade, juntas processariam cerca de 456 mil toneladas de resíduos, de acordo com um cálculo recente da Beyond Plastics, um grupo sem fins lucrativos que defende controlos mais rigorosos sobre a produção de plásticos. Isso talvez seja suficiente para aumentar a taxa de reciclagem de plástico, que se manteve abaixo dos 10% durante décadas.

Para as famílias, isso significa que grande parte do plástico que colocam para reciclagem não é reciclado e acaba em aterros sanitários. Descobrir quais os plásticos que são recicláveis e quais não o são transformou-se, essencialmente, num jogo de adivinhação. Essa confusão levou a um fluxo de lixo não reciclável contaminando o processo de reciclagem e obstruindo o sistema.

"A indústria está a tentar dizer que tem uma solução", disse Terrence J. Collins, professor de Química e Ciências da Sustentabilidade na Universidade Carnegie Mellon, de Pittsburgh. "É uma não solução."

"Máquina de lavar molecular"

Viveu-se um dia muito esperado em junho passado nas instalações da PureCycle em Ironton: a empresa acabara de produzir o seu primeiro lote do que descreve como *pellets* de polipropileno reciclado "ultrapuros". Esse marco ocorreu com vários anos de atraso e com mais de 350 milhões de dólares em custos excedentes. Ainda assim, a empresa parecia finalmente ter conseguido. "Ninguém mais consegue fazer isto", disse Jeff Kramer, gerente da fábrica, a uma equipa de jornalistas local.

A PureCycle fê-lo licenciando um método revolucionário desenvolvido pelos investigadores da Procter & Gamble em meados da década de 2010, mas não comprovado em escala, que usa solvente para dissolver e purificar o plástico, para o tornar novo outra vez. "É como uma máquina de lavar molecular", explica Olson.

Há uma razão pela qual a Procter & Gamble, a Nestlé e a L'Oréal, alguns dos maiores utilizadores mundiais de plástico, estão entusiasmadas com a tecnologia. Muitos dos seus produtos são feitos de polipropileno, plástico que transformam numa infinidade de itens a partir de corantes e enchimentos. A Procter & Gamble vinca que usa mais polipropileno do que qualquer outro plástico, mais de meio milhão de toneladas por ano, mas esses aditivos dificultam a reciclagem do polipropileno.

A APA estima que 2,7% das embalagens de polipropileno são reprocessadas. No entanto, a PureCycle prometia pegar em qualquer tipo de polipropileno – copos de cerveja descartáveis, para-choques de carros e até cartazes de campanha – e remover as cores, odores e contaminantes para o transformar em novo plástico, mas logo após o marco de junho surgiram problemas.

A 13 de setembro, a empresa divulgou que a sua fábrica tinha sofrido uma falha de energia no mês anterior que interrompeu as operações e causou a falha de um selo vital. Isso significava que não seria capaz de cumprir metas importantes, comunicou aos credores.

Então, em novembro, a Bleecker Street Research, uma empresa de vendas a descoberto com sede em Nova Iorque, uma estratégia de investimento que envolve apostar que o preço das ações de uma empresa cairão, publicou um relatório afirmando que os *pellets* brancos que saíram da linha da PureCycle em junho não eram reciclados a partir de resíduos plásticos. Em vez disso, os vendedores a descoberto alegaram que a organização simplesmente passou polipropileno virgem no sistema como parte de uma demonstração. Olson admitiu que a Pu-

continua na página seguinte »

» continuação da página anterior

reCycle não usou resíduos de consumo na execução de junho de 2023, mas também não utilizou plástico virgem. Em vez disso, usou sucata conhecida como "pós-industrial", que é o que sobra do processo de fabricação e que, de outra forma, iria para um aterro sanitário, explicou.

A Bleecker Street também revelou que sobrevoou as instalações com drones com sensor de calor e disse ter encontrado poucos sinais de atividade em escala comercial. A empresa levantou ainda questões sobre o solvente que a PureCycle estava a usar para quebrar o plástico, chamando-o "um pesadelo de mistura" que era difícil de administrar.

A PureCycle está agora a ser processada por outros investidores, que a acusam de fazer declarações falsas e enganar os investidores sobre os seus contratempos.

Olson recusou-se a informar qual foi o solvente. Os registos regulatórios analisados pelo *The New York Times* indicam que se trata de butano, um gás altamente inflamável, armazenado sob pressão. O documento da empresa descrevia os riscos de explosão, citando o "pior cenário", que poderia causar queimaduras de segundo grau a 800 metros de distância, e que para mitigar o risco a fábrica estava equipada com aspersores, detetores de gás e alarmes.

Perseguindo a economia circular

Não é incomum, é claro, que qualquer nova tecnologia ou instalação sofra contratempos. A indústria dos plásticos afirma que estes projetos, assim que forem implementados, aproximarão o mundo de uma economia "circular", onde as coisas são reutilizadas continuamente.

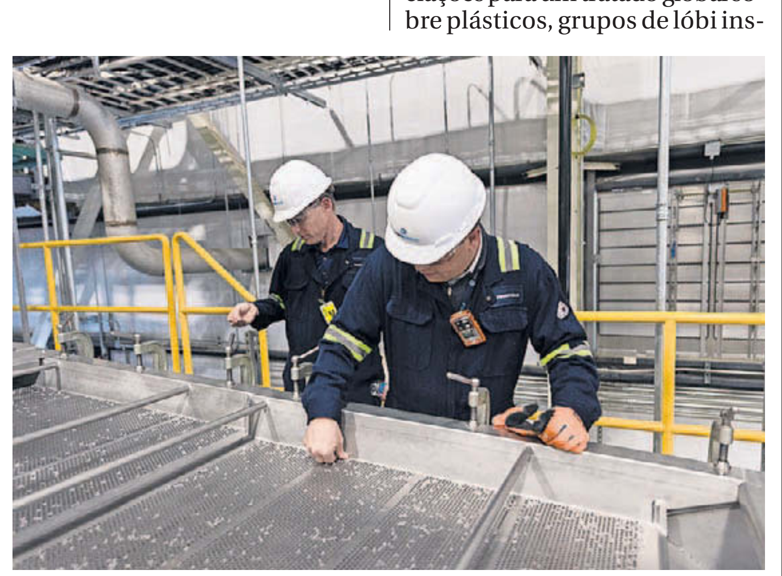
Grupos de lóbi da indústria do plástico estão a promover a reciclagem de produtos químicos.

Grupos de lóbi instam as nações a considerarem a expansão da reciclagem química em vez de tomarem medidas como restringir a produção de plástico.



MADDIE MCGARVEY/THE NEW YORK TIMES

A PureCycle está agora a ser processada por outros investidores, que acusam a empresa de fazer declarações falsas e enganar os investidores sobre os seus contratempos.





Numa audiência em Nova Iorque, no final do ano passado, lobistas da indústria apontaram para a promessa de reciclagem avançada ao se oporem a uma lei de redução de plásticos que acabaria por exigir uma diminuição de 50% nas embalagens de plástico. Nas negociações para um tratado global sobre plásticos, grupos de lóbi instam as nações a considerarem a expansão da reciclagem química em vez de tomarem medidas como restringir a produção de plástico ou proibir os sacos de plástico.

Um porta-voz do Conselho Americano de Química, que representa os fabricantes de plásticos, bem como as empresas de petróleo e gás que produzem os blocos de construção do plástico, disse que a reciclagem química potencialmente "complementa a reciclagem mecânica, retirando os plásticos mais difíceis de reciclar que a mecânica muitas vezes não consegue".

Grupos ambientalistas consideram que as organizações estão a utilizar uma estratégia desgastada de promoção da reciclagem como forma de justificar a venda de mais plástico, apesar de a nova tecnologia de reciclagem não estar pronta para o horário nobre. Enquanto isso, argumentam, os resíduos plásticos obstruem rios e ribeiras, acumulam-se em aterros sanitários ou são exportados.

"Essas grandes empresas de marcas de consumo estão loucas", disse Judith Enck, presidente da Beyond Plastics e ex-administradora regional da APA. "Se olharmos por trás da cortina, veremos que essas instalações não estão a operar em grande escala e não são ambientalmente sustentáveis", referiu. A melhor solução, segundo Enck, é apenas uma: "Precisamos de produzir menos plástico."

Visita à fábrica

Recentemente, Olson passeou por um armazém cavernoso nas instalações da PureCycle em Ironton, construído numa antiga fábrica da Dow Chemical. Desde janeiro, informa, a PureCycle tem processado principalmente resíduos de plásticos de consumo e produziu cerca de 590 toneladas de polipropileno reciclado, ou seja, cerca de 1% de sua meta de produção anual. "Estes são sacos para comida de cão", mostra, apontando para um fardo de sacos plásticos entrançados. "E estes são cestos de frutas que se veem nos mercados de rua. Podemos reciclar tudo isto, o que é muito bom."

A fábrica estava a lidar nessa altura com uma válvula defeituosa descoberta no dia anterior, portanto não estava a sair nenhum *pellet* da linha de produção. Olson pega no telemóvel para mostrar a fotografia de uma válvula com uma linha escura contornando o seu interior. "Não é suposto estar assim", vinca. Mais tarde, a empresa enviou um vídeo de Olson junto a *pellets* brancos a saírem mais uma vez da sua linha de produção.

A PureCycle afirma que cada quilograma de polipropileno reciclado emite cerca de 1,54 quilogramas de dióxido de carbono, um fator de aquecimento do planeta. Isso está ao mesmo nível das medidas de emissões comuns da indústria do polipropileno virgem. E afirmou que está a melhorar nesse aspeto.

A Nestlé, a L'Oréal e a Procter & Gamble continuam a dizer que estão otimistas em relação à tecnologia. Em novembro, a Nestlé informou que tinha investido numa empresa britânica que separaria mais facilmente o polipropileno de outros resíduos plásticos. Foi "apenas um dos muitos passos que estamos a dar na nossa jornada para garantir que as nossas embalagens não acabem no lixo", garantiu a empresa.

"Se olharmos por trás da cortina, veremos que essas instalações não estão a operar em grande escala e não são ambientalmente sustentáveis", refere Judith Enck, presidente da plataforma Beyond Plastics.

Este artigo foi publicado originalmente no The New York Times.



Onze ativistas vão ser julgados por terem impedido o trânsito no acesso ao túnel do Marquês, em Lisboa.

CLIMÁXIMO

Climáximo promete: "Vamos continuar a interromper a normalidade"

JULGAMENTO Onze ativistas do movimento ambientalista vão sentar-se no banco dos réus. Arriscam penas superiores a um ano, mas assumem que vão manter as ações de protesto.

TEXTO **ISABEL LARANJO**

Em causa estão os crimes de desobediência civil e interrupção das comunicações devido ao bloqueio da entrada do túnel do Marquês de Pombal, em Lisboa, no final do ano passado. Onze ativistas do coletivo Climáximo, com idades entre os 20 e os 58 anos, vão sentar-se no banco dos réus, no Campus de Justiça, em Lisboa, a partir desta segunda-feira. O julgamento deverá decorrer até quarta-feira.

Maria Mesquita, 21 anos, porta-voz do Climáximo, é uma das arguidas. "A partir do momento em que estamos a sentar-nos no banco dos réus por fazermos uma manifestação para defendermos a vida, e a reação do nosso Estado e das nossas instituições é acusar-nos e pôr-nos em tribunal, não tenho quaisquer expectativas em relação ao julgamento", começa por dizer a ativista.

Em paralelo com o julgamento vão acontecer diversas ações de solidariedade e resistência, a que os ativistas dão o nome de Assembleias de Abril. "Vai haver momentos de debate, algumas formações, e vamos estar, coletivamente, a pensar mais estrategicamente nos planos a médio prazo. E também no que nós queremos que sejam as prioridades agora."

Uma coisa é certa: as ações de protesto, apesar do julgamento – que já é o segundo a visar ativistas do Climáximo –, vão continuar. "Posso dizer que vamos continuar em modo de resistência. Vamos continuar a interromper a normalidade e vamos continuar com a disrupção, no sentido de forçar a sociedade a abrir um diálogo connosco sobre a crise climática", afiança Maria Mesquita. "Não vamos parar de resistir a este genocídio." Assim sendo, é expectável que venham a acontecer novos cortes de estradas ou ruas e o lançamento de tinta a espaços públicos ou empresas. No entanto, o Climáximo demarca-se dos ataques com tinta a políticos, como aconteceu ao atual primeiro-ministro, Luís Montenegro, ou ao antigo ministro das Finanças Fernando Medina. "Isso foram ações da Greve Climática Estudantil (GCE). Claro que é uma organização que está bastante próxima de nós. Existe comunicação entre os dois grupos", explica Maria Mesquita. Aliás, a ativista e porta-voz do Climáximo não descarta ações conjuntas: "Já estivemos articulados várias vezes, em marchas, por exemplo. Vamos ver o que acontece no futuro, mas temos todo o respeito pelas ações da GCE."

A descarbonização do planeta é o objetivo dos ambientalistas, que propõem medidas como "acabar com os voos ridículos Lisboa-Porto e investir mais na ferrovia".

> "Vamos continuar com a disrupção, no sentido de forçar a sociedade a abrir um diálogo connosco sobre a crise climática", frisa Maria Mesquita, porta-voz do Climáximo.

isabel.laranjo@dn.pt

Zero quer "suficiência" na agenda política

A associação ambientalista Zero apontou ontem cinco razões para colocar a "suficiência" no centro da política europeia, palavra destacada como "uma das mais importantes na salvaguarda do planeta e da humanidade". Na véspera do Dia da Terra, a Zero recordou que se vivem atualmente várias crises, da climática à da biodiversidade, passando pela poluição, excesso de utilização de recursos, sem esquecer a "crise de paz", para defender que "a solução passa, entre vários elementos, por uma mudança estrutural de paradigma da sociedade que evite o desperdício e use apenas o necessário". "A Zero apela a todos, políticos, empresas e pessoas, a perceberem e a alinharem-se com uma das palavras mais importantes para salvaguardarmos o planeta e a humanidade – a suficiência", lê-se num comunicado enviado à Lusa.

Segundo o Painel Intergovernamental para as Alterações Climáticas (IPCC), a suficiência expressa-se em políticas, medidas e práticas quotidianas que evitam a procura de energia, materiais, água e terra, enquanto proporcionam bem-estar humano para todos dentro dos limites planetários. Partindo desta definição, a Zero refere que, "ao colocar a suficiência no centro das suas políticas", se atingirá "um planeta mais resiliente e com uma boa utilização dos recursos, proporcionando uma transição mais segura, justa e menos dispendiosa, por exemplo, para a neutralidade climática". No contexto da UE, e segundo a Zero, a pegada material, isto é, a quantidade total de combustíveis fósseis, biomassa, metais e minerais que são consumidos, incluindo os incorporados nas importações, é atualmente de 14,8 toneladas *per capita* por ano, "mais do dobro do limiar considerado sustentável e justo", refere. Para a Zero, "suficiência significa uma Europa mais sustentável", um compromisso para a neutralidade climática.

DN/LUSA


ELTON MONTEIRO/LUSA

Cabo-verdianos pedem a Luís Montenegro para manter as fronteiras abertas.

Portugal quer reformular agendamento de vistos

MUDANÇAS No final da visita a Cabo Verde, primeiro-ministro anuncia que o governo vai alterar o processo para acabar com tempos de espera.

Portugal pretende reformular o sistema de agendamento de vistos para acabar com as dificuldades em obter vagas, o que se verifica em vários serviços consulares, anunciou ontem o primeiro-ministro.

"Vamos agilizar esse processo tomando algumas medidas para o normalizar" e "impedir o aproveitamento que hoje existe de algumas redes" que açambarcam e cobram por um serviço gratuito a quem quer emigrar para Portugal, como acontece em Cabo Verde, explicou no fim da sua visita àquele país. "Nas próximas semanas vamos fazer um esforço grande e, não querendo ser demasiado otimista, espero que no prazo máximo de dois meses possa haver novidades capazes de normalizar essa situação."

Depois foi a vez de o secretário de Estado das Comunidades, José Cesário, detalhar que "o modelo vai ser mudado" para os vistos nacionais, mas que o atual agendamento *online* "não irá acabar, vai continuar até haver condições tecnológicas, nomeadamente através da adoção de novos mecanismos de reconhecimento facial". Este governante considera que se "cometeu um erro gravíssimo ao adotar-se um modelo de agendamento como princípio e isso originou a situação caótica que vivemos hoje". "Iremos introduzir progressivamente mudanças, como envio dos processos por correio, utilização do telefone ou do *e-mail*. São formas já testadas, só há que as adaptar à realidade local", disse José Cesário.

O tema já tinha estado na agenda de sábado e as novidades foram avançadas ontem, depois de Luís Montenegro ter sido abordado na rua por um cabo-verdiano que lhe pediu para manter as fronteiras abertas, porque há pessoas como ele que querem trabalhar e pensam em Portugal como um destino. "Abra as fronteiras. Se tiverem alguma fechada, abra essa fronteira, porque queremos trabalhar. Não siga o André Ventura [líder do Chega], siga a sua ideologia, o seu pensamento", disse o cidadão. Perante tal, Montenegro disse aos jornalistas que "os cabo-verdianos seguem muito de perto a política portuguesa e estão muito bem informados sobre o conteúdo dos programas, das políticas que estão a ser desenhadas pelo novo governo, o que é bom. "Reconheço a validade das palavras que me foram dirigidas por um cidadão cabo-verdiano", sublinhou, acreditando que "estava implícita também a mensagem: queremos dignidade, queremos regulamentação para podermos ter um bom acolhimento e integração". E reiterou ainda: "É preciso que as pessoas sejam tratadas com toda a dignidade. Além do interesse que nós temos em ter recursos humanos, é preciso que haja acesso à habitação e aos direitos laborais, saúde, educação" e outros serviços.

> "Cometeu-se um erro gravíssimo ao adotar-se um modelo de agendamento como princípio e isso originou a situação caótica que vivemos hoje", disse José Cesário.

No que toca à referência à nova composição parlamentar portuguesa, Montenegro leva o comentário escutado na rua como um reconhecimento "da firmeza no compromisso estabelecido antes das eleições" e "naquilo que foi, depois, a minha postura depois das eleições". "Além da espuma dos dias" e de "uma certa bolha político-mediática", há um "povo que analisa" o que se passa, vincou. Entretanto, os serviços consulares vão passar a servir os portugueses residentes em todas as nove ilhas habitadas de Cabo Verde de forma itinerante.

DN/LUSA



Opinião
Paulo Guinote

Abril na meia-idade

O 25 de Abril de 1974 vai fazer uma cinquentena esta semana. Escolhi o masculino, para não ser mais deselegante, porque se falasse na Revolução, no feminino, poderia parecer mal atribuir-lhe uma idade, que já se poderia considerar pós-balzaquiana, apesar dos avanços estético-cirúrgicos e da evolução dos conceitos.

Mas não nos dispersemos.

Ao chegar ao meio século, o regime democrático nascido em Abril de 1974 já não tem a ingenuidade da infância, o ímpeto da adolescência, a confiança da idade adulta ou a paciência e sabedoria mais calma da idade a que ainda chamam terceira. Está ali naquela fase em que se mistura o desânimo do olhar para tudo o que se não fez e a consciência de que no tempo adiante pode faltar a energia para fazer algo que sirva para remediar as falhas constatadas.

É uma fase crítica da vida, mesmo se pensarmos que os 50 são os novos 40. Até porque, por muito que se tente ocultá-los e se mantenha o exercício, surgem os primeiros sinais de envelhecimento e degenerescência. Vejam-se os sinais saídos das mais recentes eleições legislativas e como demonstram até que ponto há zonas do tecido democrático que começam a revelar debilidade, quiçá mesmo feridas que se revelam progressivamente mais difíceis e morosas de sarar. E há mesmo aqueles sinais ou manchas que não se sabe se vieram para ficar. E há aquelas patologias que já se sabia que existiam, mas que agora deixam de estar apenas latentes e começam a tirar qualidade de vida.

Se muito foi feito pela democracia que Abril conquistou, apesar de todas as críticas? Claro que sim, mesmo se muitas das realizações que permanecem nem sempre são devidamente acarinhadas ou reconhecidas. Veja-se a forma como o Serviço Nacional de Saúde tem vindo a ser vítima de progressiva erosão ou se têm sido amesquinhadas as conquistas da escola pública, apesar de todos os desmandos que foi sofrendo, em especial nas últimas duas décadas. Só por muito má vontade se poderá dizer que tudo tem sido mau, mesmo se poderia ter sido melhor.

Os 50 anos de vida são plenos de muitas experiências, mais ou menos conseguidas, mais ou menos abandonadas, mais ou menos reformuladas.

Claro que ao longo destas décadas houve momentos e contextos que poderiam ter sido aproveitados de outra forma, não esbanjando sucessivos prémios grandes da lotaria europeia ou acabando por os encaminhar para gastos supérfluos ou meramente ostentatórios, quantas vezes para mera exibição pública e espanto da vizinhança. Não os aplicando de forma algo irrefletida ou egoísta, na esperança de haver nova vaga de raspadinhas com bónus.

É bem certo que o "25 de Abril" é algo mais do que uma data e muito mais do que grupos específicos de interesses (político-ideológicos, mas também económico-sociais), que dele se quiseram apropriar, quiseram fazer. Por isso há matizes nos balanços que podem ser feitos neste presente. Pode olhar-se para os copos cheios de um lado da mesa e ignorar o jarro vazio mesmo ali no meio. E podemos pensar que tudo poderia estar mais equilibrado e melhor distribuído. E é bem verdade que talvez tenha sido esse o maior falhanço desta meia vida, o descuido em não ter a atenção de tratar de uma forma mais justa e equitativa todos aqueles que precisam de beber o que de bom a democracia prometeu e até poderia (deveria?) ter distribuído com um espírito mais solidário.

O regime nascido em 25 de Abril de 1974 chegou à meia-idade e só se espera que não sofra uma daquelas fortes crises de identidade e de tentativa de regresso a uma juventude perdida (já temos Porsches suficientes em trânsito), porque isso raramente dá bom resultado e é quantas vezes apenas ridículo. Apesar do desânimo, até por causa dele, seria importante que, na sua pluralidade, Abril não sofresse de demência precoce e não se esquecesse das suas origens, das razões que o fizeram nascer e de tudo aquilo que, com mais ou menos dores, ainda pode conseguir.

Para todos nós?

Por todos nós!

Professor do ensino básico.

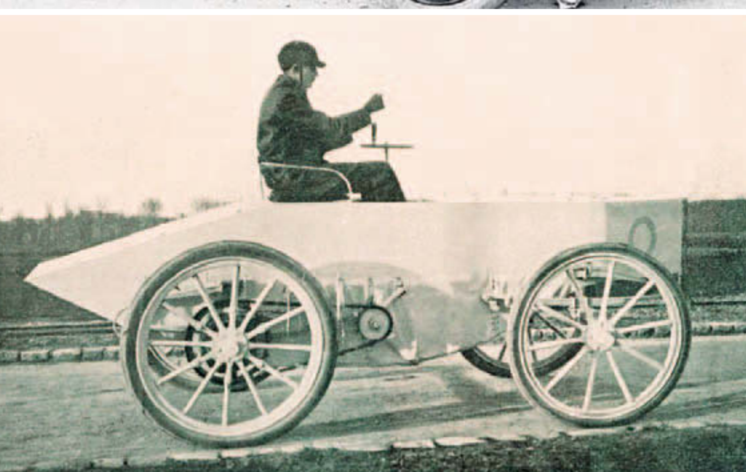
O ano de 1899 foi de velocidade furiosa nas estradas francesas

CIÊNCIA *VINTAGE* A última década do século XIX saldou-se por acelerações nas planícies francesas. Dois pilotos lançaram-se numa disputa sobre quatro rodas. Um francês e um belga competiam pelo recorde de velocidade terrestre em automóvel elétrico. Os bólides Jamais-Contente e Duc II disputavam a fasquia dos 100 km/h.

TEXTO **JORGE ANDRADE**







Camille Jenatzy (imagens no topo) e Gaston de Chasseloup-Laubat mantiveram uma acesa disputa pelo recorde de velocidade.

Na sua paleta compôs as cores subtis que perpetuaram cenas como *A Aula de Dança*, óleo sobre tela em mostra no Museu d'Orsay, em Paris. Edgar Degas, mestre do impressionismo, captou com particular sensibilidade o mundo do *ballet*. Também enveredou a sua obra plástica por outros mundos, retratou o ambiente boémio dos cafés parisienses, as corridas de cavalos, mas também instantâneos intimistas, em família.

No ano de 1871, o pintor e gravurista, nascido em 1834, imortalizou em quadro um trio de amigos. *Jeantaud, Linet et Lainé*, assim intitulada a obra, revela os companheiros de Degas na Guerra Franco-Prussiana, conflito decorrido de 1870 a 1871. O artista servira, então, na Guarda Nacional, comprometido com a defesa da capital francesa. Detêm-se meditativos os três companheiros de armas retratados no quadro, atualmente em exposição no Museu d'Orsay, após décadas no Louvre. À esquerda, tomando o ponto de vista do espectador, um jovem Charles Jeantaud fixa o olhar algures à margem do quadro. A posição imóvel a que Edgar Degas entregou para a posteridade o amigo contraria os empreendimentos que este alcançou fora do mundo delineado entre os quatro hemisférios de uma moldura. Jeantaud, engenheiro e inventor, contribuiu para lançar a França dos finais do século XIX na mais louca corrida automobilística até então. Em poucos meses, entre o final de 1898 e abril de 1899, dois homens, a bordo de carros elétricos de fabricantes concorrentes, bateram sucessivos recordes de velocidade. Em 1899, um bólide avançou nos campos franceses à vertiginosa velocidade média de 105,88 km/h. O carro, invenção com poucas décadas naquele final do século de oitocentos, empurrava a humanidade para novos limites. A competição entre as viaturas mais velozes trazia motivações várias, entre elas a de conquistar o apetecível mercado parisiense de aquisição de veículos elétricos. Três homens protagonizaram este capítulo da história automóvel: o já referido Charles Jeantaud, o piloto francês Gaston de Chasseloup-Laubat e o piloto e fabricante belga Camille Jenatzy.

Ao longo de décadas contou-se que o imperador Napoleão III, de França, fora o primeiro soberano a atingir a velocidade de 100 km/h a bordo de uma locomotiva, numa viagem entre Marselha e Paris. O ano era de 1855 e em breve o mundo conheceria outros limites para a velocidade. Em 1886, o inventor alemão Karl Benz apresentou aquele que é tido como o primeiro carro moderno. Com três rodas, a viatura singrava a uma velocidade máxima de 16 km/h. Dez anos após a viagem inaugural do Benz Patent-Motorwagen, a indústria automóvel beneficiava de avanços tecnológicos tributários do século XIX. Em 1834, o norte-americano Thomas Davenport, a par com a sua mulher, Emilly, desenvolveu o primeiro motor elétrico movido a bateria. A dupla empreendeu então a utilização da eletricidade como meio de propulsão de viaturas de locomoção autónoma. Em 1840 os Davenport levavam a eletricidade para o mundo da impressão. *The Electromagnetic and Mechanical Intelligence* foi a primeira publicação impressa na totalidade com recurso a maquinaria elétrica. Nas estradas, a primeira década do século XX assistia a uma revolução nos Estados Unidos. Mais de um terço dos automóveis em circulação moviam-se a energia elétrica. Na Europa, na década de 1850, nascia uma bateria recarregável engendrada pelo físico francês Gaston Planté.

Espicaçados pelo desafio lançado pela revista *France Automobile* – o de ver batido o recorde de velocidade terrestre a bordo de um automóvel –, a marca Jeantaud, com o seu veículo Duc II, e a engenharia de Jenatzy, com o veículo Jamais-Contente, fizeram das planícies de Achères o palco de todos os recordes. A bordo do Duc II sentou-se Gaston de Chasseloup-Laubat, filho do ministro da Marinha de Napoleão III. A apoiar o piloto, nascido em 1866, estava o conhecimento da marca fundada em 1893 e construtora do primeiro carro movido a bateria. A contenda opunha Gaston ao temível piloto conhecido como "Diabo Vermelho", numa alusão à sua barba ruiva. Filho de um fabricante de produtos manufaturados à base de borracha, Camille estudara engenharia elétrica, interessou-se pela tração elétrica para automóveis e fez-se construtor de táxis movidos a eletricidade em circulação nas ruas de Paris. Também construiu o Jamais-Contente, o veículo torpedo de carroçaria fabricada com uma liga metálica. Mais de metade dos 1450 kg da viatura estavam entregues a duas baterias elétricas com uma potência máxima de 65 cavalos.

Entre 18 de dezembro de 1898 e 29 de abril de 1899, a pista com 2 km de extensão serviu de palco à evolução da disputa entre Gaston e o seu Duc II e Charles e o seu Jamais-Contente. Coube ao piloto gaulês a primeira vitória, ao completar 1 km em 57 segundos, a uma velocidade média de 63,15 km/h. Tempo que melhorou um mês depois, a 17 de janeiro de 1899, elevando a velocidade média para os 66,65 km/h. A glória foi de pouca dura. Dez dias mais tarde, Camille bateu o recorde com a velocidade de 80,35 km/h. A 4 de março, nova reviravolta na tabela, com o Duc II a evoluir a 92,69 km/h. Por último, a 29 de abril de 1899, Jenatzy atirou a sua viatura para além dos 100 km/h. A velocidade média do Jamais-Contente foi de 105 km/h. Uma vitória não obstante os obstáculos à aerodinâmica do veículo, dada a alta posição de condução do piloto. O recorde permaneceria intocado nos três anos seguintes. A 13 de abril de 1902 o piloto francês Léon Serpollet alcançou uma velocidade média no solo de 120,8 km/h a bordo de uma viatura a vapor. Nos anos vindouros, os recordes de velocidade em terra migrariam para os Estados Unidos. Em 1906, Daytona Beach assistia a um novo limiar na velocidade automóvel. O piloto Fred Marriott alcançava os 205,44 km/h na garupa de um automóvel a vapor. Findava a era dos recordes batidos a bordo de viaturas elétricas e a vapor. O motor de combustão interna impunha-se dos dois lados do Atlântico.

Gaston faleceu em 1903, após dois anos de padecimento. Camille morreria 10 anos depois, vítima de um acidente de caça. Certa tarde escondeu-se sob um arbusto. Pretendia ludibriar os amigos de caçada. Imitou um animal selvagem e a resposta foi uma saraivada de chumbo. Camille morreu a bordo de um automóvel Mercedes, lançado a grande velocidade na estrada rumo ao hospital.


PEDRO CORREIA / GLOBAL IMAGENS

Mais Habitação veio impedir *vistos gold* através de investimento imobiliário direto e indireto, mas lei não é clara sobre projetos turísticos.

Sociedades de investimento imobiliário coletivo disparam 64%

VISTOS *GOLD* O novo governo ainda não clarificou se irá alterar o regime. Para já, é possível obter o documento dourado através de investimentos em fundos e criação de empresas.

TEXTO **SÓNIA SANTOS PEREIRA**

A Comissão do Mercado de Valores Imobiliários (CMVM) autorizou a criação de 59 sociedades de investimento imobiliário heterogeridas no ano passado, um aumento de 64% face às 36 constituídas em 2022. Os dados facultados pela CMVM permitem concluir que a constituição destes organismos de investimento coletivo tem registado uma dinâmica crescente desde 2020. A este movimento não será alheio o regime dos *vistos gold*. As aplicações financeiras eram um dos critérios elegíveis para a atribuição de Autorização de Residência para Investimento (ARI) e podiam ser realizadas em veículos com ativos imobiliários. A entrada em vigor do pacote Mais Habitação alterou as regras, mas manteve a porta aberta às transferências de capital.

No ano passado e até setembro, o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) concedeu 392 Autorizações de Residência para Investimento (designação oficial dos *vistos gold*) por via de transferências de capitais. Foram investidos um total de 154,4 milhões de euros. Desde essa data que são desconhecidos o número de novas autorizações e o investimento envolvido. O SEF foi extinto e a Agência para a Integração, Migrações e Asilo (AIMA), entidade agora responsável pelas ARI, não atualizou até ao momento as estatísticas, apesar dos pedidos do DN/Dinheiro Vivo. Ainda assim, é possível verificar que o critério de transferências de capital despertou bastante interesse nos investidores estrangeiros, principalmente a partir do momento em que foi eliminada a possibilidade de obter visto por compra de imóveis nas grandes cidades. Em 2019 e 2020, foram concedidos pouco mais de 80 vistos, mas em 2021 já ultrapassou a barreira dos 100 e em 2022 ascendeu a 271 autorizações. No ano passado, como já referido, o número de ARI por via de transferências de capital disparou. De acordo com os dados do SEF, desde a criação do regime dos *vistos gold* – em outubro de 2012 –, e até setembro de 2023, esse critério permitiu a atribuição de 1312 ARI, num investimento acumulado de 867 milhões de euros.

Lei pouco clara

Dificilmente estes investimentos estrangeiros para obtenção de *vistos gold* irão esmorecer e até deverão continuar a ter implicações no mercado imobiliário português. O programa Mais Habitação, que entrou em vigor em outubro passado, permite a obtenção de ARI por transferências de capitais. A lei do governo de António Costa estabelece a possibilidade de obter um *visto gold* através de transferências de 500 mil euros para criação de empresa local, ou investimento em empresa existente, com criação ou manutenção de cinco postos de trabalho por um período de três anos. Este critério parece manter as portas abertas à entrada de capitais estrangeiros em projetos turísticos. Estão também previstas transferências à aquisição de partes de organismos de investimento coletivo.

"Nada obsta a que um investidor possa investir numa sociedade comercial que se dedique à atividade de turismo, em qualquer parte do país", desde que a empresa não opere "na compra e venda de imóveis, promoção imobiliária ou atividade conexa que possa constituir um investimento imobiliário direto ou indireto", defende a advogada Diana Botelho, da Fides Law. Como sublinha, o Mais Habitação define que nenhuma das atividades de investimento deve ser direcionada ao investimento imobiliário direto ou indireto, "mas ficou por definir pelo legislador no que consiste este "investimento imobiliário direto ou indireto", bem como o que justifica esta limitação, bastante desafiadora do ponto de vista constitucional". Em teoria, "o investimento em projetos turísticos é possível, porquanto não retira fogos habitacionais, que é o que o escopo da norma pretende proteger, e por outro lado, não foi expressamente excluído o investimento em projetos turísticos, o que aparenta ser propositado, uma vez que foram criadas várias disposições dirigidas ao setor e ao alojamento local", frisa ainda Diana Botelho.

Hugo Santos Ferreira, presidente da Associação Portuguesa de Promotores e Investidores Imobiliários, também admite que os *vistos gold* possam ser obtidos com base em investimentos de caráter turístico. Essa possibilidade "foi um tubo de escape, para não deixar o regime morrer", diz, embora reconheça que a legislação "é ambígua".

Patrícia Viana e Raquel Brito, Abreu Advogados, consideram que, "se a sociedade onde o candidato a *golden visa* investiu for detentora de ativos imobiliários – sejam eles habitacionais ou não – tal investimento não será mais elegível". Contudo, admitem a existência de "argumentos que podem ser utilizados contra esta interpretação altamente restritiva, mas que não sabemos, ainda, se serão acompanhados pelo entendimento da AIMA".

Já aplicações em fundos de investimento não levantam dúvidas. Como defendem as advogadas Clélia Brás e Edna Morais, da PRA – Raposo, Sá Miranda & Associados, o regime das sociedades de investimento "encontra-se inserido na opção de investimento de transferência de capitais no valor de 500.000,00 destinados à aquisição de partes de organismos de investimento coletivo não imobiliário cuja maturidade, no momento do investimento, seja de, pelo menos, cinco anos e, pelo menos, 60% do valor dos investimentos seja concretizado em sociedades comerciais sediadas em território nacional". No entanto, dizem, as aplicações financeiras não podem estar relacionadas com a atividade imobiliária. Por sua vez, Raquel Roque, da CRS Advogados, lembra que existem "no mercado dezenas de fundos elegíveis, que se dedicam deste a energia renovável, à atividade agrícola, à economia circular…, mas sempre com a ressalva que se investirem numa sociedade de cujo objeto seja o investimento imobiliário o investidor não conseguirá qualificar o seu investimento como elegível" para *visto gold*.

Mas tudo isto pode voltar a mudar. O governo de Luís Montenegro já fez saber que irá revogar "medidas erradas" do programa Mais Habitação, mas não explicitou se essa decisão inclui o regime dos *vistos gold*.

sonia.s.pereira@dinheirovivo.pt

Um programa a pensar na habitação

Hugo Santos Ferreira, presidente da Associação Portuguesa de Promotores e Investidores Imobiliários (APPII), defende a manutenção do regime dos *vistos gold,* mas adequado "às novas realidades do país". Na sua opinião, o programa pode originar receitas para a reabilitação de edificado para habitação e para a construção de casas a preços acessíveis. O presidente da APPII sugere a criação do Social, Green e Smart Visas. Como sugere, para obter um Social Visa, o investidor teria a obrigação de arrendar por um período de cinco anos o imóvel adquirido caso se localizasse em zonas de pressão urbanística. O Green Visa seria destinado a quem comprasse casas "verdes", de forma a promover um parque habitacional mais eficiente. O Smart em troca de investimentos em inovação.

Vodafone ainda não desistiu da Nowo

TELECOMUNICAÇÕES Presidente executivo do operador britânico em Portugal, Luís Lopes, diz que a rede da Nowo está desatualizada e precisa de investimento, e que a venda seria vantajosa para os clientes.

TEXTO **ALEXANDRA LUÍS***

O presidente executivo da Vodafone Portugal ainda acredita que a compra da Nowo pode ser aprovada pela Autoridade da Concorrência, mas se o negócio falhar, isso "não muda de todo o plano estratégico" que a operadora tem para o país. Em entrevista à Lusa, Luís Lopes diz que o melhor é "aguardar a decisão definitiva após a consulta às partes interessadas todas", depois de o projeto de decisão da Autoridade da Concorrência ter sido negativo. "Sou um otimista por natureza e, portanto, acredito que até à decisão ser definitiva é sempre possível mudar uma decisão", admite o CEO da Vodafone, que assumiu estas funções em abril do ano passado.



Luís Lopes, presidente executivo da Vodafone em Portugal.

ANTÓNIO COTRIM/LUSA

"Iniciámos o processo de pedido de parecer à Autoridade [da Concorrência] em novembro de 2022, a Autoridade em abril de 2023 emitiu um parecer a dizer que tinha que ir para investigação aprofundada e, portanto, iniciou-se esse período no mesmo momento em que eu cheguei aqui à Vodafone Portugal" e, neste período de um ano, "andámos em discussões, conversas e debates com Autoridade relativamente à interpretação" que a AdC "faz do impacto desta operação de concentração na concorrência em Portugal", recorda.

E neste âmbito há um "desacordo relativamente ao impacto que achamos que essa operação tem. A Nowo é uma operação com uma quota de mercado muito pouco significativa em Portugal", aponta, referindo que a concentração "resultaria num operador de telecomunicações que teria a mesma posição relativa, teria uma quota de mercado ligeiramente superior à que tem hoje a Vodafone".

Ou seja, "estamos a falar de menos de dois pontos percentuais, não consideramos" que seja "uma operação que traga preocupações de natureza concorrencial", mas pelo contrário, "consideramos uma operação que poderia trazer vantagens para os clientes (...)", até porque a Nowo opera uma rede que precisa de investimentos e que está desatualizada, sublinha.

Aliás, "tínhamos como plano poder migrar os clientes todos para redes de última geração, nomeadamente a rede de fibra da Vodafone e, por isso, nesse sentido, achávamos que esta operação teria era mérito para o país e não seria prejudicial do ponto de vista concorrencial", explana Luís Lopes.

E qual é o plano B se a operação falhar? "Aqui não há um plano A nem um plano B, nós achávamos que esta operação tinha estas vantagens (...), se a operação não se concretizar, não muda de todo o plano estratégico que a Vodafone tem", assevera o CEO. "Vamos manter o mesmo plano que tínhamos (...), a operação não é uma operação transformacional para a Vodafone Portugal, estamos a falar de uma operação relativamente pequena, comparativamente com a operação da Vodafone Portugal", reforça o gestor.



"Tínhamos como plano migrar os clientes todos [da Nowo] para redes de última geração, nomeadamente a rede de fibra da Vodafone e, por isso, achávamos que esta operação teria era mérito para o país e não seria prejudicial do ponto de vista concorrencial."

Luís Lopes
CEO da Vodafone Portugal

Luís Lopes diz que a multinacional britânica tem investido anualmente em Portugal "mais de 250 milhões de euros", e apesar do negócio da Nowo não ser "uma questão de vida ou morte", levanta dúvidas ao acionista sobre a atratividade do país.

"O acionista Vodafone tem visto com não especial atratividade o investimento em Portugal por vários motivos e, portanto, também me compete a mim, e trabalhando com as diferentes entidades em Portugal, seja o Governo, seja reguladores", entre outros, "tentar mudar essa perceção", de que "Portugal não é um país bom para investir", sublinha.

E esse risco de se considerar que o país não é bom para investir existe, porque "durante muitos anos (...) a regulação em Portugal do setor das telecomunicações foi um problema significativo", admite o CEO. Contudo, diz que há mudanças, "em particular no regulador setorial com a nova administração", aludindo à nova presidente da Autoridade Nacional de Comunicações (Anacom), Sandra Maximiano, que assumiu as funções no final do ano passado. "Vemos uma muito maior abertura a diálogo, há com certeza pontos em que discordamos com o regulador, mas o importante é que esse diálogo exista e eu vejo esse diálogo agora a existir", sublinha, admitindo a possibilidade de uma "evolução positiva".

** Jornalista da agência Lusa*

Galp: potencial "descoberta importante" na Namíbia

A Galp Energia informou os investidores que a exploração de petróleo na Namíbia, nomeadamente a primeira fase de testes no complexo de Mopane, apontam para a descoberta de um volume de petróleo relevante em termos comerciais. Num comunicado enviado ontem à Comissão do Mercado de Valores Mobiliários (CMVM), a empresa explica que os testes realizados no poço Mopane-1X, descoberto em janeiro, revelam "colunas petrolíferas significativas contendo petróleo leve". Em março, os testes no poço Mopane -2X apontaram para a mesma conclusão.

A Galp e os seus dois parceiros, a Namcor e a Custos , consideram que os testes realizados "têm o potencial de posicionar Mopane como uma importante descoberta comercial".

Na zona já explorada neste complexo na Namíbia, as estimativas apontam para a existência de hidrocarbonetos correspondentes a um volume de "dez mil milhões de barris de petróleo ou mais". **C.A.R.**



A Ucrânia irá receber projéteis de calibre 155 mm como este, compatíveis com o sistema de artilharia Bohdana, de fabrico local.

Corrida contra o relógio para a ajuda chegar à linha da frente

UCRÂNIA Senado dos EUA vai aprovar pacote de ajuda a Kiev amanhã. Depois é altura para a logística tornar o apoio numa realidade. Senador disse que mísseis de longo alcance também seguirão.

TEXTO **CÉSAR AVÓ**

Foram mais os republicanos que votaram no sábado contra do que a favor o pacote de 60,8 mil milhões de dólares de ajuda à Ucrânia, mas a unanimidade da bancada democrata salvou a legislação por fim agendada pelo presidente da Câmara dos Representantes Mike Johnson. O presidente ucraniano agradeceu aos legisladores de ambos os partidos norte-americanos e a Johnson que desta forma arrisca vir a ter o mesmo destino do que o seu antecessor – a destituição pela ala extremista republicana. Mas de pronto passou ao próximo passo: a urgência da aprovação na câmara alta da lei e acima de tudo a distribuição das armas e munições num momento em que a Rússia estará a forçar a tomada da estratégica vila de Chasiv Yar, na região de Donetsk.

"Exorto o Senado a enviar rapidamente este pacote para a minha secretária para que eu possa assiná-lo como lei e possamos enviar rapidamente armas e equipamentos para a Ucrânia para atender às suas necessidades urgentes no campo de batalha", disse o presidente Joe Biden na sequência da votação. O Senado deve aprovar a legislação amanhã. Em entrevista à NBC News, Volodymyr Zelensky alinhou pelo mesmo diapasão e instou o Senado a agir para que a assistência possa ser enviada para a Ucrânia o quanto antes, "para que se possa obter alguma assistência concreta para os soldados na linha da frente o mais rapidamente possível e não daqui a seis meses".

O líder ucraniano tem repetidamente alertado para a carência de munições de artilharia e de sistemas de defesa aérea, enquanto as forças invasoras continuam a bombardear cidades e infraestruturas e avançam a leste. Aliás, Zelensky disse que as suas forças estão a preparar-se para uma batalha em Chasiv Yar, localidade de grande importância estratégica, e que a Rússia pretende capturar até 9 de maio, o feriado em que Moscovo assinala a vitória da União Soviética sobre as forças nazis na Segunda Guerra Mundial.

> *"Essa ajuda fortalecerá a Ucrânia e enviará ao Kremlin um poderoso sinal de que não será o segundo Afeganistão. Os Estados Unidos continuarão com a Ucrânia, protegerão os ucranianos e protegerão a democracia no mundo."*
>
> ***Volodymyr Zelensky***
> Presidente da Ucrânia

Além da urgência para que a ajuda chegue ao seu país, o presidente ucraniano também fez referência à necessidade de receber artilharia de longo alcance para que exista "uma hipótese de vitória". Também à NBC, o senador Mark Warner, que preside à comissão de Serviços de Informações da câmara alta, espera que os EUA possam enviar carregamentos com armamento até ao final da semana e que incluam o míssil balístico tático ATACMS de longo alcance, ou seja, a versão de até 300 quilómetros.

Ouvido pela agência Associated Press, um responsável militar norte-americano disse que os EUA poderão enviar determinadas munições "quase imediatamente" para a Ucrânia a partir de armazéns na Europa. Todavia, o Instituto para o Estudo da Guerra alerta ser "provável que as forças ucranianas continuem a confrontar-se com a escassez de munições de artilharia e de dispositivos de interceção da defesa aérea nas próximas semanas".

Mais um navio atingido

Apesar da escassez de munições, a Ucrânia disse ter atingido um navio – o mais antigo ao serviço da marinha russa, com mais de cem anos – pertencente à frota do Mar Negro. "Hoje, a marinha ucraniana atingiu o navio de salvamento russo *Kommuna* na Crimeia temporariamente ocupada", afirmou o Ministério da Defesa da Ucrânia. O porta-voz da marinha ucraniana disse que os danos causados pelo ataque não eram claros, mas que o navio "já não era capaz de desempenhar as suas funções". Segundo Dmytro Pletenchuk, "isto vai continuar a acontecer até que os russos fiquem sem navios ou abandonem a Crimeia", afirmou. Segundo a contabilidade realizada pelo *site* Oryx antes deste ataque, a Ucrânia danificou ou destruiu 22 navios da frota russa do Mar Negro, e não foi incluído um ataque a Sebastopol, há um mês, no qual Kiev diz ter atingido dois navios de desembarque russos e um ucraniano que havia sido apresado com a anexação da Crimeia.

O ataque, segundo imagens das redes sociais, terá ocorrido no porto de Sebastopol. O governador do regime russo disse que os militares tinham "repelido um ataque de um míssil antinavio" contra um navio no porto.

cesar.avo@dn.pt

50 471

Russos mortos em combate desde fevereiro de 2022, e identificados pelo meio de comunicação russo Mediazona e pela BBC Rússia com base em fontes abertas. No entanto, estimam que o número total de militares mortos ultrapasse os cem mil.

10

Bohdanas Zelensky disse que já são fabricados por mês 10 sistemas de artilharia autopropulsada Bohdana (*como na foto à esq.*), quando no início da invasão só existia um único obus de fabrico ucraniano.

Netanyahu ameaça "desferir golpes adicionais e dolorosos" ao Hamas

GUERRA PM israelita não revela plano, que deverá passar por uma ofensiva em Rafah. A força aérea voltou a bombardear a cidade e matou pelo menos 16 pessoas, a maioria das quais crianças.

Numa declaração em vídeo na véspera da festa judaica da Páscoa, o primeiro-ministro israelita disse que o seu país "vai desferir golpes adicionais e dolorosos" contra o Hamas. Por sua vez, o grupo islamista diz ter desenterrado 50 corpos num hospital de Khan Yunis e criticou o novo pacote de ajuda militar dos EUA, uma "luz verde" para Israel "continuar a agressão brutal". "Nos próximos dias, vamos aumentar a pressão militar e política sobre o Hamas, porque esta é a única maneira de libertar os nossos reféns", disse Benjamin Netanyahu. Telavive estima que 129 reféns permanecem em Gaza após o ataque do Hamas de 7 de outubro, incluindo 34 que o exército diz estarem mortos.

As forças israelitas dizem que pelo menos alguns dos reféns estão detidos em Rafah, que até agora foi poupada a uma invasão israelita e onde a maioria dos 2,4 milhões de habitantes de Gaza procurou abrigo. O porta-voz das forças armadas israelitas, Daniel Hagari, disse que "o chefe do Estado-Maior aprovou os próximos passos da guerra", sem fornecer pormenores. "Na Páscoa, serão 200 dias de cativeiro para os reféns. Lutaremos até que voltem para casa", afirmou. O grupo das economias mais desenvolvidas G7 declarou opor-se a uma "operação militar em grande escala" em Rafah, temendo "consequências catastróficas" para os civis. As forças israelitas já efetuaram ataques aéreos regulares na cidade. A agência de defesa civil afirmou que os ataques israelitas atingiram duas casas em Rafah durante a noite, matando pelo menos 16 pessoas, na sua maioria crianças. "A cada segundo vivemos no terror, nem o som dos aviões israelitas pára", disse Umm Hassan Kloub, de 35 anos, cujos filhos gritaram quando "acordaram com o pesadelo de uma explosão".


MOHAMMED ABED / AFP

Pai desespera pela filha, soterrada num ataque israelita em Rafah.

Um dia depois de os representantes dos EUA terem aprovado uma nova ajuda militar de 13 mil milhões de dólares a Israel, o Hamas, cujo ataque de 7 de outubro desencadeou a guerra de Gaza, afirmou que a assistência norte-americana era uma "luz verde" para Israel "continuar a agressão brutal contra o nosso povo", ignorando os 9 mil milhões de dólares em assistência humanitária para Gaza, também aprovados no mesmo pacote.

As autoridades de Gaza disseram ter descoberto 50 corpos enterrados no pátio do Complexo Médico Nasser, em Khan Yunis, a principal cidade do sul de Gaza. "Não havia roupas em alguns corpos, o que certamente indica que (as vítimas) sofreram torturas e abusos", disse Mahmud Bassal, porta-voz da defesa civil. Israel retirou as forças terrestres de Khan Yunis em 7 de abril, depois de ter levado a cabo aquilo a que chamou uma "operação precisa e limitada" no hospital.

DN/AFP

Quem é Ronaldo Caiado, o último candidato a herdeiro de Bolsonaro

BRASIL Governador de Goiás, representante histórico dos grandes latifundiários do Brasil, cuja família foi incluída na "lista suja" do trabalho escravo, já se assume como pré-candidato, com marqueteiro contratado e tudo.

TEXTO **JOÃO ALMEIDA MOREIRA,** SÃO PAULO



Caiado (esq.) com o primeiro-ministro israelita, Benjamin Netanyahu, e Tarcísio de Freitas (dir). Uma imagem que é um posicionamento político.

O que faz o governador de Goiás, discreto Estado no Centro-Oeste do Brasil, numa fotografia ao lado de Benjamin Netanyahu, primeiro-ministro de Israel, em plena guerra com o Hamas e, talvez, com o Irão? Resposta: faz pré-campanha eleitoral para a presidência do Brasil, em 2026. Ronaldo Caiado (União Brasil) é, para já, o único candidato assumido a herdeiro do espólio eleitoral do inelegível Jair Bolsonaro (PL). Ou seja, é o único candidato assumido a tentar tirar Lula da Silva (PT) do poder logo ao primeiro mandato.

Porque era já Lula, que havia criticado Israel e Netanyahu dias antes, o alvo de Caiado naquela fotografia de 19 de março. Ao conseguir fotografar-se ao lado de um chefe de governo que o bolsonarismo adotou, por oposição à esquerda brasileira, tradicionalmente mais próxima da questão palestiniana, o governador de Goiás, de 74 anos, marcou pontos na direita. O senão está do outro lado de Netanyahu na foto: Tarcísio de Freitas, governador de São Paulo pelo Republicanos, Estado mais influente e rico do que Goiás, e ainda favorito à corrida à sucessão de Bolsonaro, que também foi a Telavive fazer uma espécie de marcação homem a homem a Caiado.

Tarcísio, porém, ainda não se assumiu como candidato, porque está no primeiro mandato como governador e a tendência natural na política brasileira é que tente a reeleição estadual. Caiado, pelo contrário, já está no segundo, impedido, portanto, de se recandidatar outra vez e ansioso agora para trocar Goiânia pela vizinha Brasília.

"Depois de cinco mandatos de deputado federal, senador e governador já em segundo mandato, sinto-me maduro e preparado para colocar o país no rumo certo", admitiu Caiado, último membro de uma linhagem de produtores rurais com forte presença na política goiana desde meados do século XIX, em entrevista, no início do ano, à *Folha de Pernambuco*. À *Folha de S. Paulo*, semanas depois, acrescentou que o eleitorado dele e o de Bolsonaro não diferem: "A minha trajetória de vida é exatamente no mesmo eleitorado dele."

No *Estado de São Paulo* de domingo, 14, admitiu que é "um nome" em "boa posição" para se apresentar "como pré-candidato" pelo seu partido. E o jornal *O Globo* revelou que Antônio Carlos Magalhães Neto, eminência parda do União Brasil, está disposto a comandar a campanha do companheiro de partido e que já há mesmo marqueteiros contratados para o efeito.

As sondagens

Mas Caiado, que com 39 anos concorreu à presidência nas primeiras eleições pós-ditadura militar, obteve insignificantes 0,68% e apoiou o vencedor, Collor de Mello, contra Lula na segunda volta, será competitivo? Talvez.

De acordo com sondagem do instituto Genial/Quaest de 11 de abril, Tarcísio, o seu principal concorrente, tem uma aprovação de 62% em São Paulo. Já Caiado, na mesma pesquisa, é bem avaliado por 86% dos goianos. Outros potenciais herdeiros dos votos bolsonaristas, Romeu Zema (Novo), governador de Minas Gerais, e Ratinho Junior (PSD), governador do Paraná, pontuam mais do que Tarcísio nos respetivos Estados, mas não superam Caiado, um fenómeno de popularidade local.

A história, porém, revela que, depois do citado Collor, que pulou do governo de Alagoas para o governo do Brasil, nenhum dos muitos candidatos governadores à presidência chegou ao Planalto – nem José Serra ou Geraldo Alckmin (ambos de São Paulo), nem Anthony Garotinho (Rio de Janeiro), nem Aécio Neves (Minas Gerais), nem Ciro Gomes (Fortaleza), por exemplo.

Analisemos, então, outra sondagem, esta da Paraná Pesquisas, de 28 de março, que colocou cenários de candidatos de direita contra Lula em 2026. O atual presidente venceria, sempre com resultados na casa dos 36%, todos os rivais testados, mas o nome anti-Lula mais competitivo, à frente de Tarcísio, com 23,3%, ou de Caiado, com 7%, é o de Michelle Bolsonaro, ex-primeira-dama, com 30,6%.

Falta saber o que diz o dono do espólio, o próprio Bolsonaro, sobre as intenções de Caiado: o ex-presidente não descarta ungi-lo como sucessor desde que ele assuma o controlo total do União Brasil, partido que recentemente expulsou o presidente e vive em permanente convulsão por resultar de uma fusão, e conceda ao ex-presidente o direito de nomear o candidato a vice, segundo Guilherme Amado, colunista do jornal *Metrópoles*.

Brigas e escravidão

Até porque a relação de Caiado, médico cirurgião de formação, com Bolsonaro chegou a ser rompida pelo próprio governador de Goiás em 2020, após o então chefe de Estado considerar a covid-19 uma "gripezinha". "Tanto na política como na vida, a ignorância não é uma virtude", reagiu Caiado. "Com a autoridade de governador e de médico, eu afirmo que as declarações do presidente não alcançam o estado de Goiás, as decisões em Goiás serão tomadas por mim, com base no trabalho de técnicos e especialistas."

Os embates mais acalorados de Caiado durante a longa carreira política, porém, foram, sem surpresa, com a esquerda. No contexto da votação pelo *impeachment* de Dilma Rousseff, em 2016, no Senado, insinuou que Lindbergh Farias, do PT, estava drogado e foi acusado por Gleisi Hoffmann, hoje presidente do partido de Lula, de estar "na lista suja do trabalho escravo".

O pecuarista Antônio Ramos Caiado Filho, tio de Caiado, esteve, de facto, entre os 91 incluídos pelo Ministério do Trabalho e Emprego na atualização de 2014 da relação de empregadores com trabalho escravo, a chamada "lista suja", por submeter quatro pessoas a condições degradantes e a jornadas exaustivas de 19 horas de trabalho na produção de carvão numa das suas fazendas. E Emival Ramos Caiado Filho, primo do pré-candidato, foi incluído em 2022 por confiscar carteiras de trabalho, descontar dos salários dos empregado valores referentes à comida que servia, obrigá-los a jornadas de até 13 horas diárias sem descanso semanal e oferecer como abrigo barracões sem energia elétrica, casas de banho ou camas.

PUBLICIDADE

avisos, tribunais e conservatórias




TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LISBOA

Juízo Local Cível de Lisboa – Juiz 19

ANÚNCIO

Referência 434638743 **Acompanhamento de Maior 9296/24.1T8LSB**

Requerente: Bárbara Meneses da Silva de Freitas Barros de Moura
Beneficiário: Maria Regina Menezes Moreira da Silva Barros e outro(s)...
Data: 12-04-2024

FAZ-SE SABER que foi distribuído neste tribunal o processo de Acompanhamento de Maior em que é requerida **Maria Regina Menezes Moreira da Silva Barros,** casada, nascida em 27-10-1945, portadora do cartão de cidadão n.º 00712585 2 ZY5, contribuinte fiscal n.º 113676425, residente desde março de 2018 na Residencial Sénior Centro paroquial São Vicente de Paulo, sita na **Estrada da Serafina, 1070-907 LISBOA,** com vista a aferir da necessidade de determinação de medidas adequadas de representação, por razões de saúde.

(Documento eletrónico elaborado pela Oficial de Justiça Teresa Conceição Ferreira)

A Juíza de Direito
Dr.ª Maria Emília Nunes Charro

MUNICÍPIO DE LEIRIA
Câmara Municipal

Departamento de Gestão Urbanística

AVISO N.º 36/2024/DEGU

Alteração à Licença de Operação de Loteamento titulada pelo Alvará de Loteamento n.º 1/2018. Aditamento ao Alvará. Processo Loteamento n.º 8/2016.

Nos termos do disposto no n.º 2 do artigo 78.º do Decreto-Lei n.º 555/99, de 16 de dezembro, na sua redação atual, torna-se público que a Câmara Municipal de Leiria emitiu, em 12 de abril de 2024, em nome da sociedade "Poligreen – Gestão e Investimentos, S.A.", e da sociedade "Construções Martins e Reis, Lda.", o Aditamento n.º 3 ao Alvará de Loteamento n.º 1/2018, na sequência da deliberação camarária datada de 3 de outubro de 2023 e do despacho do Sr. Vereador datado 28 de março de 2024, através dos quais foi licenciada a alteração dos Lotes 1.1 a 1.9 e 4.1 a 4.9 do Loteamento sito em Quinta da Malta, União das Freguesias de Leiria, Pousos, Barreira e Cortes, prédios descritos na Conservatória do Registo Predial de Leiria sob os n.ºs 3674/20180430, 3675/20180430, 3676/20180430, 3677/20180430, 3678/20180430, 3679/20180430, 3680/20180430, 3681/20180430, 3682/20180430, 3693/20180430, 3694/20180430, 3695/20180430 e 3696/20180430, da freguesia de Leiria e inscritos, respetivamente, nas matrizes urbanas sob os n.ºs 11257-P, 11258-P, 11259-P, 11260-P, 11261-P, 11262-P, 11263-P, 11264-P, 11265, 11276-P, 11277-P, 11278-P e 11279, da União de Freguesias de Leiria, Pousos, Barreira e Cortes.
As alterações conformam-se com o disposto no Plano Diretor Municipal de Leiria, passando o loteamento e os Lotes 1.1 a 1.9 e 4.1 a 4.4 a apresentar os seguintes parâmetros:

- Aumento da área máxima de implantação global de 26.228,00 m² para 27.584,30 m² (+1.356,30 m²):
  - Lote 1.1 de 414,00 m² para 558.40 m² (+144,40 m²);
  - Lote 1.2 de 414,00 m² para 517,80 m² (+103,80 m²);
  - Lote 1.3 de 450,00 m² para 634,00 m² (+184,00 m²);
  - Lote 1.5 de 450,00 m² para 544,00 m² (+94,00 m²);
  - Lote 1.6 de 513,00 m² para 692,40 m² (+179,40 m²);
  - Lote 1.7 de 513,00 m² para 742,00 m² (+229,00 m²);
  - Lote 1.8 de 513,00 m² para 742,00 m² (+229,00 m²);
  - Lote 1.9 de 513,00 m² para 705,70 m² (+192,70 m²);
- Introdução da nota "E" com a descrição (o rés do chão dos lotes 1.1 a 1.9 e 4.1 a 4.4 pode destinar-se a comércio/serviços);
- Aplicação da nota "A" aos lotes 1.1 a 1.9;
- Alteração nas áreas de cedência mantendo o valor global inalterado:
  – Redução de Arruamentos e taludes de 10.760,10 m² para 10.746,90 m² (-13,20 m2);
  – Redução de Passeios de 5.820,60 m² para 5.772,60 m² (-48,00 m²);
  – Aumento de Passadeiras de 319,80 m² para 333,00 m² (+13,20 m²);
  – Aumento de Acessos (garagens/impasses) de 564,30 m² para 612,30 m² (+48,00 m²);
  – Deslocação da passadeira junto do lote 2.4;
  – Alteração do acesso viário ao lote 2.2.

Em tudo o mais mantêm-se as prescrições do Alvará de Loteamento n.º 1/2018, emitido em 27 de abril de 2018, e respetivos aditamentos, assim como os demais documentos que os integram.

E para constar se lavrou o presente Aviso a publicar em jornal nacional e no sítio do Município de Leiria na Internet, bem como de Edital e outros de igual teor, que vão ser afixados no edifício-sede do Município e da respetiva União de Freguesias.

Leiria, 12 de abril de 2024

O Diretor de Departamento
(Por subdelegação – Edital n.º 73/2022)
Paulo Ramos



TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LISBOA

Juízo Local Cível de Lisboa – Juiz 19

ANÚNCIO

ACOMPANHAMENTO DE MAIOR

*

Proceda-se a publicação de anúncios no sítio oficial e em jornal de tiragem nacional, nos termos do disposto no artigo 893.º, n.º 2 do Código de Processo Civil.

***

Junte aos autos, eletronicamente, certidões dos assentos de nascimento da Requerente e dos indicados filhos da Requerida, identificados a final na Petição Inicial.
Notifique a Requerente para informar se há mais filhos da Requerida para além dos indicados na Petição Inicial, em dez dias.

***

A presente ação de Acompanhamento de Maior foi apresentada por BÁRBARA MENESES DA SILVA DE FREITAS BARROS DE MOURA, na qualidade de filha da Requerida, MARIA REGINA MENEZES MOREIRA DA SILVA BARROS.
Requer, cumulativamente, suprimento de autorização da beneficiária.
Nos termos do artigo 141.º, n.º 1 do Código Civil, o acompanhamento é requerido pelo próprio ou, mediante autorização deste, pelo cônjuge, pelo unido de facto, por qualquer parente sucessível ou, independentemente de autorização, pelo Ministério Público, sendo que o tribunal pode suprir a autorização do beneficiário quando, em face das circunstâncias, este não a possa livre e conscientemente dar, ou quando para tal considere existir um fundamento atendível. O pedido de suprimento da autorização do beneficiário pode ser cumulado com o pedido de acompanhamento (n.ºs 2 e 3 do mesmo artigo e 892.º, n.º 2 do Código de Processo Civil).
Conforme resulta do artigo 892.º do Código de Processo Civil, no Requerimento Inicial, deve o Requerente, além do mais:
a) Alegar os factos que fundamentam a sua legitimidade e que justificam a proteção do maior através de acompanhamento;
b) Requerer a medida ou medidas de acompanhamento que considere adequadas;
c) Indicar quem deve ser o acompanhante e, se for caso disso, a composição do conselho de família;
d) Indicar a publicidade a dar à decisão final;
e) Juntar elementos que indiciem a situação clínica alegada.

***

Cabendo tramitar o incidente declarativo cumulado de suprimento de autorização do beneficiário, a Requerente deverá indicar pessoa idónea a ser nomeada Curador da Requerida, sendo esse o caso, bem como o parente mais próximo (que não a Requerente/indicada Acompanhante), nos termos e para os efeitos do disposto nos artigos 1001.º, n.ºs 1 e 2 do Código de Processo Civil do artigo 141.º, n.ºs 1 e 2 do Código Civil, 234.º e 17.º do Código de Processo Civil.
Por não terem sido alegadas nem se vislumbrarem razões para dispensar a constituição do Conselho de Família, a Requerente deverá indicar os demais elementos do Conselho de Família.
Fica também a Requerente notificada para informar se em nome da Requerida existe testamento vital ou procuração para cuidados de saúde, atento o disposto no artigo 900.º, n.º 3 do Código de Processo Civil.
Importa, ainda, convidar a Requerente a indicar as medidas de acompanhamento que entende adequadas no caso em apreço, nomeadamente (artigos 145.º, n.ºs 1 e 2 e 147.º do Código Civil):
– representação geral ou representação especial do acompanhado (e, nesse caso, qual o âmbito ou para que atos);
– administração total ou parcial (e, nesse caso, quais) de bens do acompanhado;
– autorização prévia para a prática de determinados atos do acompanhado e quais;
– outras intervenções e quais;
– exercício de direitos pessoais;
– celebração de negócios da vida corrente.

*

Prazo: Dez dias, sem prejuízo de prorrogação mediante requerimento fundamentado nesse sentido.

Dê conhecimento ao Ministério Público da Petição Inicial e do presente despacho.

*

Lisboa, d.s.

SNTCT

ASSEMBLEIA GERAL DE APOSENTADOS DO SNTCT

25 de Maio de 2024
em
LISBOA

CONVOCATÓRIA

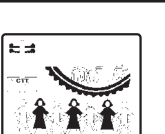
Nos termos dos Artigos 54.º, 55.º alínea J, 56.º Ponto 1.º, 57.º e 58.º dos Estatutos do SNTCT, publicados no BTE, 1.ª Série, n.º 4, de 29 de janeiro de 2007, e das alterações introduzidas e publicadas no BTE, 1.ª Série, n.º 21, de 8 de junho de 2015, bem como do Regulamento da Assembleia Geral que lhe é anexo, **convoco os associados do Sindicato Nacional dos Trabalhadores dos Correios e Telecomunicações** para se reunirem em Assembleia Geral, em primeira convocatória, no dia **25 de maio de 2024**, pelas **10 horas**, no **PORVIR, Palácio dos Aboim, 4.7 Rua Arco Marquês de Alegrete, N.º 2, 1100-034 LISBOA**, com a seguinte ordem de trabalhos:

1. **Discussão e deliberação sobre o Relatório de Atividades e as Contas de 2023.**
2. **Discussão e deliberação sobre o Plano de Atividades e o Orçamento para 2024.**
3. **Diversos.**

Não estando presente a maioria legal dos associados à hora indicada, ficam os associados convocados para se reunirem em Assembleia Geral meia hora depois, em segunda e última convocatória, no mesmo local e com a mesma ordem de trabalhos, funcionando a Assembleia Geral com qualquer número de associados presentes.

Lisboa, 22 de abril de 2024

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral do SNTCT
António José Gouveia Duarte




SNTCT

ASSEMBLEIA GERAL DO SNTCT

25 de Maio de 2024
em
LISBOA

CONVOCATÓRIA

Nos termos dos Artigos 54.º, 55.º alínea J, 56.º Ponto 1.º, 57.º e 58.º dos Estatutos do SNTCT, publicados no BTE, 1.ª Série, n.º 4, de 29 de janeiro de 2007, e das alterações introduzidas e publicadas no BTE, 1.ª Série, n.º 21, de 8 de junho de 2015, bem como do Regulamento da Assembleia Geral que lhe é anexo, **convoco os associados do Sindicato Nacional dos Trabalhadores dos Correios e Telecomunicações** para se reunirem em **Assembleia Geral**, em primeira convocatória, no dia **25 de maio de 2024**, pelas **14 horas**, na **Casa do Alentejo, Rua Portas Santo Antão 58, 1150-268 LISBOA**, com a seguinte ordem de trabalhos:

1. **Discussão e deliberação sobre o Relatório de Atividades e as Contas de 2023.**
2. **Discussão e deliberação sobre o Plano de Atividades e o Orçamento para 2024.**
3. **Diversos.**

Não estando presente a maioria legal dos associados à hora indicada, ficam os associados convocados para se reunirem em Assembleia Geral meia hora depois, em segunda e última convocatória, no mesmo local e com a mesma ordem de trabalhos, funcionando a Assembleia Geral com qualquer número de associados presentes.

Lisboa, 22 de abril de 2024

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral do SNTCT
António José Gouveia Duarte

ADMINISTRAÇÃO CONJUNTA DA AUGI 57 – CASAL DE CAMBRA

CONVOCATÓRIA

Nos termos do artigo 11.º da Lei 91/95, de 2 de setembro, alterada e republicada pela Lei 70/2015, de 16 de julho, convoca-se os comproprietários do prédio integrado na Área Urbana de Génese Ilegal denominada "AUGI 57 – Casal de Cambra", em Casal de Cambra, freguesia de Casal de Cambra, concelho de Sintra, sito entre a Avenida da Bulgária e Avenida de Cabo Verde, descrito na conservatória de registo predial de Queluz sob o número 1170 / Casal de Cambra e inscrito na matriz predial rústica sob parte do artigo 24 secção A-A1-A2 da mesma freguesia, para uma Assembleia de Comproprietários a realizar no dia **7 de maio de 2024, pelas 17.30 horas**, na Rua de Bragança, número 1 – Edifício Sociocultural, 2.º PISO, Casal de Cambra (**Junta de Freguesia**), com a seguinte Ordem de Trabalhos:

PONTO UM: Adesão à Lei 91/95, de 2 de setembro, alterada e republicada pela Lei 70/2015, de 16 de julho e averbamento em nome da Administração Conjunta da AUGI 57 – Casal de Cambra dos processos de reconversão urbanística P 1614/2019 e P 3852/2021.

PONTO DOIS: Emissão de Alvará de Loteamento para o Processo de Loteamento número P 1614/2019.

PONTO TRÊS: Apreciação e votação dos orçamentos para execução das obras de urbanização.

PONTO QUATRO: Assuntos de interesse geral.

Se à hora marcada não estiverem presentes ou representados proprietários em número suficiente para validamente deliberar, fica desde já marcada segunda assembleia para as **18 horas, no mesmo dia e no mesmo local**, nos termos do art.º 1432.º do CC.

Casal de Cambra, 19 de abril de 2024

Pela Comissão de Administração AUGI

Rua de Bragança, n.º 1 – Edifício Sociocultural – Casal de Cambra
NIPC: 902 055 623



MÁRIO VASA / GLOBAL IMAGENS

Galeno, na foto entre dois jogadores do Casa Paia, abriu o marcador aos 31 minutos.

ESTÁDIO MUNICIPAL DE RIO MAIOR
ÁRBITRO MANUEL OLIVEIRA (PORTO)

CASA PIA	FC PORTO
1	**2**
RICARDO BATISTA	CLÁUDIO RAMOS
JOÃO NUNES	JOÃO MÁRIO (46')
DUPLEXE TCHAMBA	PEPE
ZOLOTIC (75')	OTÁVIO
LARRAZÁBAL	WENDELL
ÂNGELO NETO (75')	ALAN VARELA (90'+2)
SEGOVIA	NICO GONZÁLEZ
LEONARDO LELO	FRANCISCO CONCEIÇÃO (85')
YUKI SOMA (86')	PEPÊ
FELIPPE CARDOSO (82')	GALENO
NUNO MOREIRA (82')	TAREMI (85')
TREINADOR	**TREINADOR**
GONÇALO SANTOS	SÉRGIO CONCEIÇÃO
SUBSTITUIÇÕES	**SUBSTITUIÇÕES**
SAMUEL JUSTO (75')	ROMÁRIO BARÓ (46')
PABLO ROBERTO (75')	GONÇALO BORGES (85')
LACXIMICANT (82')	DANNY NAMASO (85')
RÚBEN LAMEIRAS (82')	GRUJIC (90'+2)
KIKI (86')	

GOLOS: GALENO (31'), NUNO MOREIRA (37') E NICO GONZÁLEZ (56').
CARTÕES AMARELOS: ÂNGELO NETO (58'), ZOLOTIC (66'), LARRAZABAL (78') E WENDELL (90'+7).

Valeu o show de Nico para tirar dragão do quarto escuro

I LIGA FC Porto complicou jogo que parecia ir resolver cedo ao permitir que o Casa Pia chegasse ao empate antes do intervalo, mas um grande remate do espanhol devolveu a equipa ao pódio.

TEXTO **NUNO COELHO**

Depois de três jogos sem ganhar na Liga, o FC Porto regressou aos triunfos e recuperou o último lugar no pódio antes de receber o líder Sporting no próximo domingo. Não foi fácil bater o Casa Pia em Rio Maior, muito por culpa própria, mas um grande remate de Nico González acabou por resolver o destino dos três pontos, tirando a equipa de Conceição do quarto lugar.

Cumprido o objetivo de marcar presença na final da Taça de Portugal, o FC Porto surgiu em Rio Maior com a mesma equipa que bateu o V. Guimarães, ainda sem Diogo Costa e com Cláudio Ramos na baliza. Entrando em campo fora do pódio, devido ao triunfo do Sp. Braga na véspera, Sérgio Conceição mostrou confiar no onze que deu boa conta de si a meio da semana, resolvidos os problemas físicos a que o técnico aludira na véspera da deslocação. Também Gonçalo Santos não mexeu no conjunto que utilizara na ronda anterior, frente ao Portimonense.

Com as bancadas muito despidas, por força da má classificação dos dragões na Liga, e numa tarde quente de sol, os gansos até entraram melhor na partida e podiam ter ganho vantagem logo aos dois minutos, na sequência de um canto. No meio da confusão que se gerou, Otávio desviou para a própria baliza e só uma grande intervenção de Cláudio Ramos evitou o pior.

No entanto, a partir daí, o jogo pareceu transformar-se num passeio domingueiro para a equipa de Conceição. Os anfitriões não conseguiam sair, quer por erros próprios quer pela pressão dos visitantes, e as oportunidades foram-se sucedendo junto à baliza de Ricardo Batista. O filho do técnico deu o mote (11'), num tiro desviado pela defesa; seguiu-se Pepe que, sem marcação, cabeceou à figura do guardião casapiano após centro de Wendell (13'). Conceição não conseguiu aproveitar uma má reposição do guarda-redes, voltando a acertar num defesa com a bola a morrer nas mãos do *keeper* dos gansos (17'). E, no minuto seguinte, Varela, depois de um domínio extraordinário, rematou rente à trave local - onde acertaria Pepê após lance de Galeno na esquerda (21'). Adivinhava-se o golo e ele acabou mesmo por aparecer, curiosamente depois de o Casa Pia conseguir, por fim, ter uma posse longa de bola. João Mário rasgou a defesa da casa com um belo passe, Pepê centrou e Galeno, com muita classe, tirou João Nunes do caminho e chutou para as redes (31').

> Triunfo em Rio Maior permitiu à equipa de Sérgio Conceição voltar ao terceiro lugar, embora em igualdade pontual com o Sp. Braga.

Somar sustos antes do alívio

Pensou-se, pelo que se vira até aí, que a partir de então seria uma questão de tempo até o FC Porto arrumar a questão. O problema é que o conjunto de Sérgio Conceição está a atravessar uma fase em que tudo o que pode correr mal acaba por correr mesmo. E bastaram seis minutos para o Casa Pia empatar: novamente num lance nascido num canto, que Pepê não conseguiu afastar no flanco contrário. Soma recuperou a bola e cruzou, Tchamba ganhou no alto e, ao segundo poste, Nuno Moreira rematou de primeira pelo buraco da agulha, restabelecendo o empate.

E a verdade é que até podia ter sido o Casa Pia a ir para o intervalo em vantagem, não fosse Cláudio Ramos, com duas grandes defesas consecutivas, a evitar que o japonês somasse o segundo golo da equipa de Gonçalo Santos.

Com João Mário a lesionar-se em cima do descanso, Conceição fez entrar Romário Baró, recuando Pepê para o lado direito da defesa. Tal como no início, o FC Porto entrou forte e acabaria por se colocar em vantagem: descaído na esquerda, Nico González puxou para dentro e desferiu um pontapé espetacular e indefensável para Ricardo Batista (56'). Quase de seguida, Galeno surgiu que nem uma flecha e passou mesmo o guardião dos gansos, mas o centro foi cortado pela defesa, e num livre direto Taremi esteve perto de selar o triunfo. Não aconteceu e o cansaço dos dragões foi permitindo ao Casa Pia chegar mais vezes até à baliza mas, tirando um punhado de cantos, sem causar grandes aflições a um FC Porto que regressou a casa com a vitória no bolso.

dnot@dn.pt


MÁRIO VASA / GLOBAL IMAGENS

Schmidt tem pouca fé na conquista do campeonato, mas diz que as águias não vão baixar os braços.

“Benfica é um clube exigente, mas dei o meu melhor”

I LIGA Treinador alemão admitiu que muito provavelmente as águias não serão campeãs esta época e defendeu a importância de Di María.

TEXTO **NUNO FERNANDES**

O futuro de Roger Schmidt, tal como o DN já revelou, será alvo de uma apreciação por parte da SAD só no final da época, após feito um balanço. O treinador alemão foi ontem questionado sobre se tem condições para continuar, mas não respondeu taxativamente, falando num clube “exigente” onde é preciso “apresentar resultados e melhorar sempre”, mas disse ver sinais de que a equipa pode crescer.

“Sei que as perspetivas da equipa são muito boas e cabe-nos a nós tomar as melhores decisões para a próxima época e estarmos preparados para vencer títulos. O futebol é isso, há momentos de desilusão e no ano passado fomos campeões. Tivemos jogadores novos e precisamos de tempo para desenvolver a equipa, mas a perspetiva geral da equipa é muito boa”, referiu Roger Schmidt, no lançamento do jogo de hoje com o Farense, no Algarve (20.15, Sport TV1).

Nem o alegado interesse do Bayern Munique na sua contratação – o internacional alemão Lothar Mathaus apontou-o aos bávaros – fez Schmidt mudar o tom do discurso: “Para mim é um orgulho ser treinador do Benfica. As minhas palavras foram claras quando assinei o novo contrato, sabia o que estava a fazer e não mudei de ideias. Dei o meu melhor, com todos os elementos do clube, incluindo o presidente, os diretores e todos os que me ajudaram no Seixal. Fazer parte do Benfica é fantástico, mas também é exigente, temos de apresentar resultados. Temos de melhorar sempre.”

O técnico falou à hora do almoço, ainda antes de saber o desfecho do Sporting-V. Guimarães, mas admitindo que a diferença pontual para o líder Sporting será muito difícil de anular. “Muito provavelmente não seremos campeões esta época, mas não vamos desistir nem cruzar os braços. Temos de fazer o nosso papel, vencer os próximos cinco jogos para termos uma hipótese no campeonato”, analisou.

> Treinador alemão diz que nem tudo correu bem esta época e lamentou os quatro pontos perdidos em casa frente ao Farense e ao Casa Pia.

Repetindo que “o clube é exigente e quer sempre vencer títulos”, lembrou que ao longo da época “o Benfica perdeu jogos decisivos no caminho na Taça da Liga, Taça de Portugal e agora também na Liga Europa”, assumindo-se por isso “desapontado”. E deu um exemplo: “Se virmos que perdemos quatro pontos em casa como Farense e o Casa Pia, estes jogos são um bom exemplo desta época. São jogos que temos de ganhar claramente por 3-0, 4-0 ou 5-0 e empatámos os dois. Se tivessemos ganho a situação seria diferente agora. Tenho de considerar tudo isto e claro que temos de ser melhores. Tento desenvolver os jogadores, mas temos de tirar ilações desta época. Temos de melhorar”.

O treinador discordou ainda da ideia de que a qualidade coletiva da equipa diminua com presença de Di María em campo. “É bom que possamos fazer jogos bons sem o Di María ou o Rafa, mas são jogadores-chave para nós, basta ver as estatísticas. São os jogadores com mais golos, assistências, estão sempre ligados ao momento ofensivo e a criar oportunidades. Não tenho dúvidas sobre a qualidade do Ángel, está a fazer uma grande época. Está sempre em forma, faz muitos jogos, esta é das épocas em que jogou mais na sua carreira.

nuno.fernandes@dn.pt

Verstappen imparável vence pela primeira vez na China

FÓRMULA 1 Neerlandês dominou a prova, onde a maior surpresa foi o segundo lugar de Lando Norris.



Max Verstappen
Piloto de F1

Max Verstappen (Red Bull), para não variar, venceu ontem o Grande Prémio da China de Fórmula 1, quinta corrida da temporada, e alargou a vantagem na liderança do campeonato do mundo para 25 pontos.

O tricampeão mundial, que no sábado já vencera a corrida sprint e ontem largou do primeiro lugar da grelha, gastou 1:40.52,554 horas para cumprir as 56 voltas previstas, batendo o britânico Lando Norris (McLaren), segundo, por 13,773 segundos e o mexicano Sérgio Pérez (Red Bull), que foi terceiro, por 19,160.

“Fomos incrivelmente rápidos todo o fim de semana. Pude fazer o que quis com o carro”, resumiu Max Verstappen, que somou a 58.ª vitória da carreira, e quarta da temporada em cinco corridas disputadas. O tricampeão mundial falhou apenas a volta mais rápida em corrida (e o ponto extra), que ficou na posse do espanhol Fernando Alonso (Aston Martin), sétimo classificado.

Esta foi a primeira vitória de Verstappen na China, no 26.º circuito diferente em que consegue triunfar, ficando a cinco do recorde de Lewis Hamilton (Mercedes).

A surpresa acabou por ser o segundo lugar de Lando Norris, com um McLaren que parecia não ter ritmo para a Ferrari e, muito menos, para os Red Bull, que valeu mesmo uma aposta perdida pelo britânico. “Não esperava esta corrida. Fiquei surpreendido com muitas coisas, como a falta de ritmo da Ferrari, o nosso ritmo e a nossa diferença para a Red Bull. Apostei que íamos ficar 35 segundos atrás dos Ferrari e enganei-me por muito”, contou Norris.

DN/LUSA


GLYN KIRK / AFP

United na final da Taça de Inglaterra

O Manchester United apurou-se ontem para a final da Taça de Inglaterra (vai defrontar o City), após eliminar o Coventry no desempate por penáltis. A equipa de Old Trafford chegou a ter três golos de vantagem (um deles marcado por Bruno Fernandes), mas permitiu o empate, acabando por ser feliz nas grandes penalidades.

Capitão Fausto
"Temos esta mania de nos juntarmos para fazer música do nada"

MÚSICA Na ressaca de quatro concertos esgotados na Culturgest, em Lisboa, que serviram de apresentação ao aclamado novo disco, *Subida Infinita*, o agora quarteto, composto por Domingos Coimbra, Manuel Palha, Salvador Seabra e Tomás Wallenstein, falou ao DN do passado e do futuro e de como a saída de Francisco Ferreira abalou os alicerces de uma das bandas de maior sucesso da música portuguesa

ENTREVISTA **MIGUEL JUDAS** FOTOS **ÁLVARO ISIDORO / GLOBAL IMAGENS**



ALVARO ISIDORO / GLOBAL IMAGENS

O novo álbum dos Capitão Fausto, *Subida Infinita*, foi editado em março, mas é já um símbolo do passado, por ter sido o último a contar com a participação do teclista Francisco Ferreira, cujo abandono colocou em causa a própria existência da banda, como os próprios reconhecem neste entrevista ao DN. Não deixou por isso de ser surpreendente encontrar o antigo membro fundador em amena cavaqueira com os antigos colegas na nova sede e estúdio da Cuca Monga, a editora fundada pelo grupo em 2014. "Já não tocamos com o Francisco, mas continuamos a trabalhar juntos todos os dias, e, acima de tudo, somos amigos", esclarecem antes do gravador se ligar. E se a parte inicial da conversa foi dominada pelo tema, também é importante referir como a saída do músico parece ter unido os Capitão Fausto para esta nova fase da banda, eventualmente mais madura. Como, aliás, já se anuncia em *Subida Infinita*, um trabalho marcado por uma certa nostalgia por algo que termina, mas também por uma espécie de aceitação pelo que terá de mudar.

Como foi esta passagem para quatro elementos, como é que a banda, mas também os amigos, reagiram à saída do Francisco Ferreira?

Tomás Wallenstein: Às vezes ainda não nos apercebemos muito bem disso, porque ele continua aqui, perto de nós.

Manuel Palha: É algo que ainda está a acontecer, não houve propriamente um dia certo para a saída do Francisco. Foi algo com que conseguimos lidar da melhor forma, porque tivemos tempo. Deu para ir digerindo, não foi assim uma estalada repentina. Ele não chegou e anunciou que ia deixar de ir aos concertos, apenas nos avisou de que no final deste disco iria sair para fazer outras coisas. Percebemos perfeitamente essa decisão, falámos enquanto amigos das opções dele e das nossas. E este disco, pelo menos a parte final, foi, aliás, já feito com essa consciência, o que foi bom, pois permitiu-nos ir digerindo e falando sobre todo o processo de largar a coisa. Ele próprio sempre esteve muito empenhado em acabar o disco, portanto conseguimos ir digerindo e ainda estamos a digerir.

T.W.: Mas ainda estamos em período de transição, quando olho para nós os quatro ainda me parece sempre que falta alguém.

Domingos Coimbra: Ainda hoje nas entrevistas eu continuo a dizer 'nós os cinco'. Ou seja, já são mais de 10 anos de Capitão Fausto e quase 20 a partilhar música e palcos. Obviamente, necessitamos de tempo para nos adaptarmos a essa nova realidade, mas a boa notícia é que não foi uma daquelas ruturas clássicas de banda, em que as pessoas deixam de se falar. Não, foi apenas uma opção de seguir diferentes caminhos para a vida, selada com um aperto de mão e mantendo-nos amigos. Só agora, findo o processo, percebemos o quanto estamos gratos pela forma como tudo aconteceu, porque havia tanta coisa que poderia ter corrido mal e felizmente não foi assim.

T.W.: E continuamos a trabalhar juntos todos os dias na editora Cuca Monga. Lá está, houve uma vontade dele em se afastar da música para se dedicar a outras áreas criativas, como *design*, vídeo ou ilustração, mas isso não implicou um afastamento físico, pelo contrário. A diferença é que estamos no estúdio e ele está no escritório, mas, fora isso, continuamos a estar juntos. Sim, houve coisas que mudaram muito, mas noutras ficou tudo na mesma.

E como é que isso se refletiu na música? O Francisco ainda participou no disco, mas a partir de agora como é que isso se reflete, por exemplo, em palco, com menos um elemento?

D.C.: No disco há claramente um antes e um depois. Há um primeiro período em que ainda estávamos a procurar um fio condutor, o que é comum para nós, esse bater com a cabeça na parede no início dos processos. Temos esta mania de nos juntarmos para fazer música do nada e isso pode ter um lado muito bom, mas também tem um custo, especialmente de tempo e em não acertar logo. Depois há o tal segundo momento, que coincide com o anúncio da saída do Francisco, e isso de certa forma ajudou-nos a encontrar o tal fio condutor para o álbum. Não sei se vocês concordam…

T.W.: Temos conversado muito sobre isso entre nós e hoje parece-nos uma situação muito mais simples do que no início, mas é evidente que é algo bastante disruptivo para nós e levantou uma série de questões profundas sobre como continuaríamos, de que forma e até se valia a pena continuar.

Essa questão chegou a ser levantada?

T.W.: Sim, e até mesmo qual seria o futuro de cada um de nós perante uma tal decisão de vida por parte do Francisco. Foi realmente algo que nos levantou muitas questões. Mas agora, olhando para trás, dois anos depois, por vezes dá a impressão de que foi tudo muito simples, mas de facto não foi. A boa notícia é que se resolveu tudo de forma muito saudável e da melhor forma para todos. Portanto, não sei se foi a saída do Francisco que nos deu o tal caminho, como o Domingos referiu, ou se, pelo contrário, isso nos obrigou a repensar todo o disco.



Salvador Seabra, Diogo Wallenstein, Manuel Palha e Domingos Coimbra.

M.P.: Isso liga a outra parte da pergunta inicial, que tem a ver com o palco e que também tem feito parte deste novo processo de descoberta. Julgo que todos concordam comigo quando digo que tem sido muito divertido. Temos agora mais dois músicos a acompanhar-nos, que, além de serem muito talentosos, também são nossos amigos. Tem sido muito divertido explorar esses novos caminhos, não num sentido de substituição, mas de mudança e de exploração.

D.C.: Falámos entre nós e tomámos a decisão que, se em estúdio somos uma banda de quatro, ao vivo há uma nova ideia de reinventar a nossa música através de mais mãos e mais instrumentos, para que os nossos concertos possam ser palco para novas experiências e nos levem um pouco para fora da nossa zona de conforto.

Concordam que, ao ouvir-se o disco, parece pairar no ar, a nível musical, mas especialmente nas letras, uma certa nostalgia por algo que termina, mas também uma espécie de aceitação pelo que terá de mudar?

T.W.: Sem dúvida, porque coincidiu com muitas mudanças. Havia essa questão da mudança interna e nem sequer tentamos fugir a isso, porque é importante refletirmos todos, enquanto banda, sobre o mesmo tema. Muitas vezes, quando escrevo as letras, elas refletem o meu ponto de vista, mas existe sempre uma tentativa de falar por todos, embora isso nem sempre seja possível. Neste caso existia essa fase de transição comum, mas também outros episódios, como o termos saído do nosso estúdio de sempre. É natural que nos questionássemos, porque as coisas simplesmente acabam um dia. E fomos surpreendidos por muitas situações que nos levaram a questionar tudo. Tivemos a morte de uma pessoa muito próxima em condições bastante trágicas, fomos pais, houve casamentos…

Pode dizer-se que este é o álbum mais adulto dos Capitão Fausto?

T.W.: Talvez, até porque é o mais recente (risos).

D.C.: Pelo menos foi o álbum em que tínhamos de deixar de trabalhar às cinco, porque tínhamos de ir buscar as crianças à escola. E isso, parecendo que não, condiciona o trabalho. Talvez não em termos artísticos, mas no sentido em que já não somos os miúdos que podem ir às duas da manhã gravar baterias só porque lhes apetece. Houve o lado de abraçar a rotina e a repetição com o qual todos tivemos de aprender a viver. E é muito engraçado o modo como estes três ou quatro anos tão intensos acabaram resumidos em pouco mais de 30 minutos de música.

Como é que fazem esse trabalho de peneira?

M.P.: Normalmente começamos com rascunhos que alguém traz de casa e depois juntamo-nos e começamos a debater. Este disco foi talvez aquele em que juntámos o maior número desses rascunhos, que nem sequer são músicas. Vamos espremendo e moldando, há partes que se transformam, outras que se perdem…

T.W.: O facto de ser muito peneirado tem a ver com os nossos próprios critérios, que estão cada vez mais aguçados, até para não repetirmos alguns erros que já cometemos no passado. Por outro lado, tem também a ver com o facto de sermos cinco, agora quatro, e de tentarmos sempre encontrar um ponto comum entre todos para cada solução. Isso faz com que demoremos muito tempo a finalizar os processos, mas também leva a este tipo de síntese, de resumir três anos em apenas 30 minutos.

"É algo que ainda está a acontecer, não houve propriamente um dia certo para a saída do Francisco. E, portanto, foi algo com que conseguimos lidar da melhor forma, porque tivemos tempo. Deu para ir digerindo, não foi assim uma estalada repentina."

Manuel Palha

D.C.: Pessoalmente, gosto muito da ideia do formato canção, que a muitos poderá parecer limitadora, mas para mim esse limite é muito útil para a criatividade. A síntese de uma canção é algo que desejo cada vez mais, porque, apesar desses limites, nela podem caber todas as referências do mundo. O facto de este disco ser curto acabou por ser algo muito bem conseguido.

Como é que a vossa relação de amizade sobrevive a isso tudo, às rotinas, às negociações, às ruturas? Não faltam exemplos no mundo da música de grupos de amigos que começam a tocar juntos e acabam de relações cortadas…

T.W.: Acima de tudo todos temos bom feitio. Dantes dizíamos sempre que éramos muito amigos e de facto somos, mas, acima de tudo, já temos muita experiência e muita estrada juntos para sabermos que por vezes as coisas ficam complicadas. O que nos faz continuar é gostarmos muito disto e termos bom feitio e paciência uns com os outros. Se não gostássemos, já estaríamos a fazer outra coisa.

D.C.: E não são só as turras entre nós, é também o estar sempre fora de casa, de ser difícil constituir família quando se passam meses seguidos fora, dormir mal e pouco… Cada profissão tem os seus prós e contras e os stresses da vida de músico não são de facto para toda a gente. Para o Francisco não era, ou deixou de ser. E nós também fizemos essa análise e há claramente uma ideia dos quatro de que queremos continuar a fazê-lo. Nesse sentido profissional estamos alinhados e depois temos a sorte de ser amigos, já o éramos antes de existir a banda e vamos de certeza continuar a sê-lo depois.

M.P.: Não tem só a ver com isso, mas com o termos encontrado um grupo que, no seu conjunto, se consegue exponenciar e amplificar individualmente. Todos ficamos mais fortalecidos quando temos os outros à volta, e isso é muito importante.

E o fator sucesso, que peso tem nisso tudo?

T.W.: Eu acho que ajuda (risos).

D.C.: Claro que ajuda, não há nada melhor, depois destes anos todos e de todo o trabalho que colocámos na nossa música, do que termos os concertos esgotados antes de o álbum sair. Há uma confiança depositada no nosso trabalho e na nossa carreira que nunca nos tinha acontecido antes. Anunciámos os concertos e de repente esgotaram quando ainda só tínhamos lançado um ou dois *singles*. Depois de o álbum sair e ser tão bem recebido pelas pessoas é um privilégio enorme. É aquele momento em que as canções deixam de ser nossas. No momento da criação somos muito egoístas, porque fazemos a música só para nós, mas depois há esse momento de comunhão com quem gosta de nós. O sucesso, ou pelo menos quando se lida bem com ele, tem de passar por essa comunhão com o público que gosta da nossa música. Isso também nos dá mais vontade de continuar.



"Mas lembro-me bem de sermos miúdos e de falarmos de como seria a vida de músico, ganhar a vida a tocar por aí. Era algo que admirávamos, não sabíamos era como chegar lá."

Salvador Seabra

Esperavam chegar aqui quando começaram?

Salvador Seabra: Claro que sim, ou pelo menos desejávamos que acontecesse. Imaginávamos como seria fazer carreira na música em Portugal e tivemos a sorte de ter sucesso muito cedo. Sem esse sucesso nada disto teria sido possível, nem que seja pela parte financeira. Sempre quisemos isto, sim.

M.P.: Eu, como jogo xadrez, embora mal, só consigo ver um ou dois passos à frente (risos), e portanto nunca tive uma ideia assim de futuro a longo prazo. Acho que todos fizemos uma espécie de *all-in* e vamos ver no que isto dá.

S.S.: Mas lembro-me bem de sermos miúdos e de falarmos de como seria a vida de músico, ganhar a vida a tocar por aí. Era algo que admirávamos, não sabíamos era como chegar lá.

D.C.: Sempre que ouvíamos as bandas de que gostávamos, no carro, sonhávamos em conjunto ser um dia como elas. Lembro-me perfeitamente de em 2011 estar com o Tomás em Paredes de Coura, a ver Metronomy, Kings of Convenience ou Pulp, e pensarmos como seria incrível tocar um dia ali. E no ano seguinte tocámos antes dos Ornatos Violeta, quando eles se reuniram para festejar os 20 anos de carreira. De repente, num só ano, e devido ao sucesso do primeiro álbum, conseguimos saltar uma série de etapas. Portanto há um lado do sucesso real que aconteceu e outro que tem a ver com a gestão desse sucesso e a forma como lhe tentamos sempre acrescentar mais trabalho e desafios.

T.W.: Mas há de facto um lado de sorte, porque tudo nos aconteceu muito rápido no primeiro disco. Por outro lado, isso deu-nos confiança e nunca nos abrandou, bem pelo contrário, fez-nos perceber qual seria a direção certa.

Nolly: a nostalgia das *soap operas*

DRAMA Na minissérie criada por Russell T. Davis, Helena Bonham Carter dá vida a Noele Gordon, uma estrela da televisão britânica que no início dos anos 80 sentiu na pele o abandono do meio que definiu o molde da sua existência. *Nolly* são memórias de um tempo em que as *soap operas* uniam gerações. Para descobrir hoje nos canais TVCine.

TEXTO **INÊS N. LOURENÇO**



Helena Bonham Carter num outro tipo de realeza.

Talvez nunca nos tenhamos perguntado, mas, como em tudo na vida, houve uma primeira mulher a aparecer na televisão a cores. Essa mulher foi, na verdade, uma jovem Noele Gordon (1919-1985), que, na sua combinação de olhos azuis, pele clara e cabelo escuro, se afigurou o modelo ideal para as experiências do engenheiro escocês John Logie Baird. Entrando pelos bastidores dos primórdios da TV, é com um vislumbre dessa magia dos testes de cor que começa a minissérie *Nolly*, em estreia esta segunda-feira (22h10), muito adequadamente no TVCine Edition. Uma produção "sentimental" de um dos mais talentosos argumentistas britânicos do nosso tempo, Russell T. Davies (*Years and Years*, *It's a Sin*), que desta feita mergulhou nas suas próprias memórias de infância diante do pequeno ecrã para trazer à tona algo do fascínio das *soap operas*/telenovelas, através de uma das suas rainhas esquecidas.

Num belíssimo texto publicado no jornal *The Guardian*, onde o criador fala da influência desse tipo de ficção televisiva no seu desejo precoce de escrever guiões, percebe-se o amor pelo projeto (que, aliás, é visível nos detalhes narrativos e no *design* de produção): "Eram bons tempos. Quando todos viam *Crossroads* e *Coronation Street*, as duas grandes *soap operas*. Nos anos 60 isto era tudo o que tínhamos, uma rua em Weatherfield e... um motel? O Motel Crossroads ('Encruzilhadas')? Por favor, não pensem que motel era uma palavra da moda. Até então ninguém sabia o que é que significava. É tecnicamente um hotel numa rodovia, que era suposto soar glamoroso."

De cabelo pintado de ruivo, Nolly era então a figura carismática de *Crossroads*, essa telenovela com um quê de insólito que a tornou famosa em toda a Grã-Bretanha pela personagem de Meg Mortimer, matriarca dona de um motel que interpretou durante 17 anos, até que alguém se lembrou de menosprezar a sua popularidade e veterania mandando-a embora. No mesmo texto, Davies recorda o momento: "Eu ainda via *Crossroads* aos 18 anos, quando fui para a universidade em Oxford, bem a tempo de rebentar o maior escândalo do programa [em 1981]: o despedimento de Noele Gordon. Foi uma demissão pública estranha e barulhenta, humilhante para a personagem e para a estrela." O caso mexeu tanto com ele que, ao fim de 40 anos, decidiu dar um invólucro doce e dramático aos acontecimentos.

> *Nolly* é um drama em três partes, que funciona como relato dos eventos que envolveram o final da carreira da atriz Noele Gordon.

Uma vida de televisão

Mais do que uma minissérie no sentido estrito do termo, *Nolly* é um drama em três partes, que funciona como relato dos eventos que envolveram o final da carreira da atriz. Pouco antes do tal despedimento polémico, ainda a vemos reinar no *set*, com a sua peculiar atitude imperiosa e amável, que lhe valeu admiração geral e uns quantos inimigos silenciosos. Tão silenciosos que, ao saber da má notícia através do seu agente, Nolly, incrédula, não fazia a menor ideia do que poderia ter motivado alguém a retirar de um programa a sua estrela proeminente. E a resposta a essa dúvida profunda será a linha que atravessa os três episódios, costurando um desfecho que presta homenagem a uma mulher e ao caminho que conseguiu trilhar por si mesma no *show business*, um mundo que pertencia aos homens.

Helena Bonham Carter é simplesmente fabulosa no desenho humano de uma personalidade que está sempre a escapar à ideia feita. Não temos uma opinião formada sobre Noele Gordon até que a tenhamos visto em diferentes situações, desde as conversas com velhos amigos a palestras informais para um grupo de jovens atrizes no teatro, sem esquecer as ternurentas saídas noturnas só para ver montras com o melhor amigo (ator na novela e vizinho do lado) e os passeios de autocarro.

Dir-se-ia que um desses passeios ganha mesmo a dimensão de uma cena de antologia: Nolly é reconhecida por todas as mulheres naquele transporte urbano, respondendo com simpatia, e da maneira possível, às dúvidas sobre o destino da sua personagem em *Crossroads*, até que um indivíduo de meia-idade, ao ouvir a tagarelice animada, se intromete para fazer o comentário desagradável de quem "não tem tempo a perder" com programas para mulheres. Ao que Bonham Carter/Nolly retalia com uma soberba libertação de energia defensiva: "Nós, mulheres, sentamo-nos a ver *soap operas*, e somos ridículas, estúpidas, não é? Já os homens têm o *pub*, o futebol e a cerveja. E essas coisas são importantes, certo? São sérias, válidas, proveitosas. Portanto, os homens podem recostar-se de pernas abertas e olhar para as coisas que amamos com desprezo, o lábio torcido, uma careta. Ah, mas nós fazemos o mesmo quando entram no quarto, tiram as calças e ficam ali de cuecas encardidas..." Risada geral no autocarro. Rimos com elas a bom rir. É uma cena de satisfação autêntica, ainda mais pela melodia compacta com que Bonham Carter segura o monólogo.

A excelente escrita de Russell T. Davies torna-se palpável em momentos como este, que mostram também a sua vontade de reproduzir algo do espírito popular da *soap opera*, envolto num certo brilho nostálgico. Até porque, a emparelhar com isso, a nota que acaba por prevalecer é a da tristeza "felpuda" de Nolly, que vai dos tecidos que enverga aos gestos repetitivos, como o acender dos múltiplos candeeiros cor-de-rosa da casa. Afinal, estamos a assistir a um fechar da cortina em câmara lenta, um último ato inconformado, um sair de cena que merece o seu pequeno golpe de justiça.

Ensino de português na China pode ser exemplo para a Índia

EDUCAÇÃO A China conta com cerca de 30 licenciaturas em língua portuguesa e 50 instituições de educação superior com programas de ensino de português.

O delegado da Fundação Oriente em Goa defende que a estratégia de ensino do português adotada pela China, onde a aprendizagem da língua tem crescido nos últimos anos, pode servir de exemplo para um país como a Índia.

"Eu dou sempre esse exemplo da China [...], [onde] olham para o português como uma grande oportunidade, principalmente na área de negócio. Não só para Portugal, porque nós somos um território muito pequeno, mas para os PALOP [Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa] essencialmente, pelas oportunidades de negócio que existem", disse em declarações à Lusa Paulo Gomes, mencionando ainda, "naturalmente, o Brasil".

A China (excluindo Macau), onde o ensino universitário do português arrancou nos anos 60, conta com pelo menos 30 licenciaturas em língua portuguesa e 50 instituições de educação superior com programas de ensino de português.

Já na Índia cursos de língua portuguesa ao nível da educação superior são oferecidos apenas na Universidade de Goa, confirmou à Lusa o responsável pelo Camões – Centro de Língua Portuguesa em Goa, Delfim Correia da Silva.

"É preciso fazer muito mais", alertou Paulo Gomes, referindo que, sendo o português uma das línguas "mais faladas do mundo", quem a domina "tem uma vantagem competitiva". "Porque os indianos têm uma particularidade, os goeses, em particular pela história, são poliglotas por natureza. A Índia tem 28 línguas oficiais, mais de 400 dialetos", reforçou.

Mas, além do aspeto comercial, o responsável alertou para outras "áreas de oportunidade", nomeadamente ao nível da formação académica. "Nas universidades, quer em Portugal, quer no Brasil, há uma grande procura, principalmente pelos jovens goeses. O domínio do português a este nível é, sem sombra de dúvida, uma excelente oportunidade", considerou.

> A Fundação Oriente, em Goa, tem também apoiado a promoção do português, mas ao nível do ensino secundário.

Paulo Gomes referiu ainda que em Goa existe "documentação antiga em português que carece de traduções" e fluentes na língua podem contribuir para este trabalho.

A Fundação Oriente, em Goa há cerca de três décadas, tem também apoiado a promoção do português, mas ao nível do ensino secundário, sendo esta "uma das rubricas que consome maior investimento" da instituição.

Um aumento do número de estudantes em comparação com o ano passado (cerca de 800), lembrou Paulo Gomes, indicando que, depois de uma queda durante a pandemia de covid-19, se registou uma subida, resultado de um trabalho de proximidade da Fundação Oriente com os professores e alunos e da realização de atividades que acabaram por atrair interessados. **DN/LUSA**

A Sociedade da Neve foi grande vencedor dos prémios ibero-americanos Platino

CINEMA Os filmes *Nayola*, de José Miguel Ribeiro, e *Mataram o Pianista*, de Fernando Trueba e Javier Mariscal, estavam nomeados na categoria de animação.

O filme *A Sociedade da Neve* venceu a 11.ª edição dos Prémios ibero-americanos Platino em seis das sete categorias para que estava nomeado, e os candidatos portugueses ficaram fora dos premiados, anunciou a organização.

Coprodução de Espanha, Chile, Uruguai e Estados Unidos para a Netflix, o filme, sobre a tragédia aérea ocorrida nos Andes em 1972, do espanhol Juan Antonio Bayona, conquistou as categorias de melhor filme ibero-americano de ficção, realizador, ator, montagem, fotografia e sonoplastia, numa cerimónia no sábado, em Cancún, no México.

Os filmes *Nayola*, de José Miguel Ribeiro, e *Mataram o Pianista*, de Fernando Trueba e Javier Mariscal, coproduzido por Portugal, estavam nomeados na categoria de animação, em que *Robot Dreams* saiu vencedor.

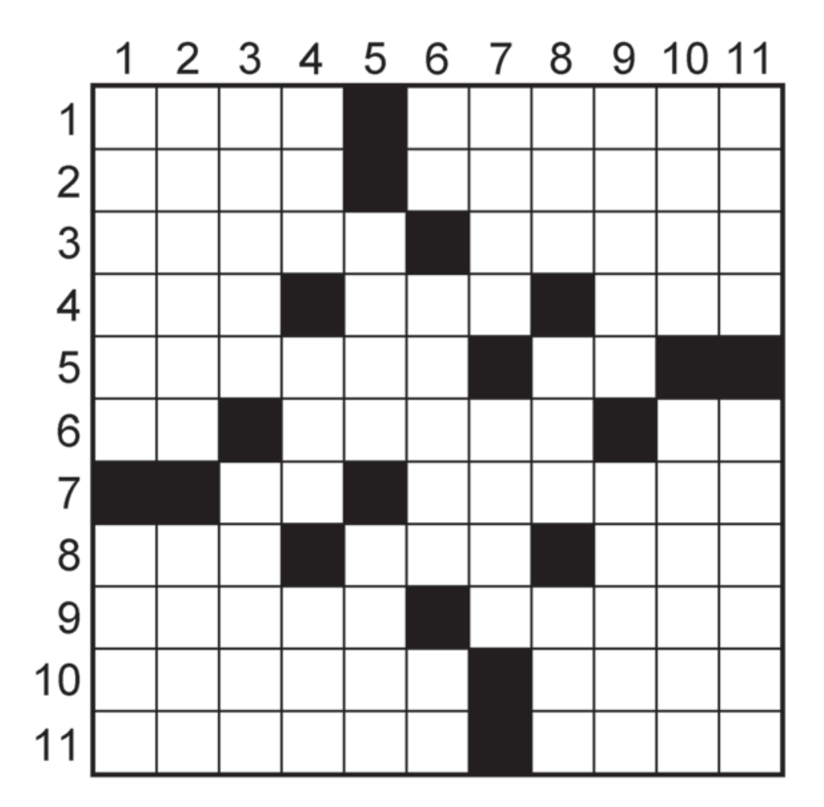
Nayola é a primeira longa-metragem do realizador português José Miguel Ribeiro, tendo já sido premiada e exibida em vários festivais e estreado nos cinemas portugueses.

Mataram o Pianista é um documentário dos realizadores espanhóis Fernando Trueba e Javier Mariscal, com Humberto Santana, fundador da Animanostra, como coprodutor.

Os Prémios Platino são organizados pela Entidade de Gestão de Direitos dos Produtores Audiovisuais e pela Federação Ibero-Americana de Produtores Cinematográficos e Audiovisuais, em parceria com academias e institutos de cinema dos países do espaço ibero-americano.

DN/LUSA

PALAVRAS CRUZADAS



Horizontais:
1. Porção de um cromossoma, considerada como a unidade hereditária ou genética. Respeitar. **2.** Levantar. Larápio. **3.** Lúgubre. Supressão. **4.** Ovário dos peixes. Princípio (figurado). Regressar. **5.** Céu da boca. «De» + «o». **6.** Érbio (símbolo químico). Precisamente. Prefixo (negação). **7.** Cálcio (símbolo químico). Espaço que o sol não ilumina. **8.** Redução de para. Redução de maior. Víscera dupla. **9.** Grande artéria. Ateado. **10.** Língua própria de um povo ou nação. Aclamar. **11.** Peixe da família dos Salmonídeos. Simples.

Verticais:
1. A carreira mais rápida de alguns animais quadrúpedes. Progenitores. **2.** Levantar. Grupo de pessoas em círculo. **3.** Respeitante a nascimento. Especiaria indiana. **4.** Época. Mulher que cria uma criança alheia. Modo de dizer. **5.** Parte de um todo. Mãe, na linguagem infantil. **6.** Prata (símbolo químico). Que pertence a vós. «A» + «o». **7.** Fragmento de louça. Reside. **8.** Aperto com nó. Qualidade. Preposição que indica companhia. **9.** Toldado. Que dura pouco. **10.** Prefixo (oposição). Dar as cores do arco-íris a. **11.** Ratar. Galanteio.

SUDOKU

9		6						7
1	2		9	7				4
				1			5	
5	9			8	1	7		
		2						
4				9	6	3		5
						8		3
	1		8		4			6
		7		2				9

SOLUÇÕES

9	5	6	3	4	8	1	2	7
1	2	8	9	7	5	6	3	4
7	3	4	6	1	2	9	5	8
5	9	3	4	8	1	7	6	2
8	6	2	5	3	7	4	9	1
4	7	1	2	9	6	3	8	5
2	4	5	7	6	9	8	1	3
3	1	9	8	5	4	2	7	6
6	8	7	1	2	3	5	4	9

Palavras Cruzadas
Horizontais:
1. Gene. Acatar. 2. Alar. Gatuno. 3. Letal. Corte. 4. Ova. Ovo. Vir. 5. Palato. Do. 6. Er. Mesmo. In. 7. Ca. Sombra. 8. Pra. Mor. Rim. 9. Aorta. Aceso. 10. Idioma. Ovar. 11. Salmão. Mero.
Verticais:
1. Galope. Pais. 2. Elevar. Roda. 3. Natal. Caril. 4. Era. Ama. Tom. 5. Lote. Mamã. 6. Ag. Vosso. Ao. 7. Caco. Mora. 8. Ato. Dom. Com. 9. Turvo. Breve. 10. Anti. Irisar. 11. Roer. Namoro.



DR

Os cravos e as palavras e frases alusivas às ideias da Revolução estão bordados em várias opções de meias.

25 de Abril. Uma luta para fazer a meias, sempre

LIBERDADE Duas amigas lançaram uma marca que aposta, para primeira coleção, em frases e imagens alusivas à Revolução dos Cravos bordadas em meias.

TEXTO **SOFIA FONSECA**

"Somos uma marca politizada", assumem Maria Malaquias, 34 anos, e Isabel Braga, 35 anos, as mulheres ativistas, feministas, por trás da Pópria, assim mesmo, sem o "r". Não havia grandes dúvidas de que assim fossem, ou não tivessem optado por uma coleção de meias alusivas ao 25 de Abril para primeiro lançamento. "Sempre", "Em cada esquina uma canção" e "Brava, Meu bem" são algumas das palavras/frases bordadas nas meias que vendem para tentar promover uma consciência coletiva da luta vitoriosa pela liberdade.

"Somos pessoas politizadas e a nossa marca passa essas ideias de vivência em comunidade", diz Maria Malaquias. Porque, defendem, a luta deve ser coletiva e, neste caso, feita a meias. E o produto que vendem é "uma forma de afirmação e posicionamento", não para usar no dia 25 de Abril, para descer a Avenida da Liberdade, mas para todos os dias, porque esta "é uma luta diária".

Para já, a marca conta com um modelo só com um cravo bordado (8 euros) e outro com um cravo e a palavra "sempre" (10 euros) e ainda uma lista de sete frases icónicas extraídas de hinos da liberdade: "Em cada esquina um amigo", "Em cada rosto igualdade", "O povo é quem mais ordena" e "Eles comem tudo e não deixam nada", de Zeca Afonso; "A paz, o pão, habitação, saúde, educação", "Que força é essa, amigo?", de Sérgio Godinho, e "Cá dentro inquietação", de José Mário Branco (14 euros). Frases que enaltecem o poder da palavra enquanto veículo transformador, o qual se prolonga em inúmeras referências femininas, como a mensagem das três Marias em *Novas Cartas Portuguesas* ou os poemas contemporâneos de Francisca Camelo e as canções de Capicua e de A Garota Não. "São pessoas de tempos e gerações diferentes, mas a mensagem é a mesma", constata Maria Malaquias.

São desenhos e frases bordadas à mão pelas próprias, de forma tosca, numa prática que lhes foi passada pelas mães. Porque elas assim o quiseram, "não como uma imposição", realçam, porque, garantem, não foram educadas para ser "mulheres recatadas no lar".

O nome Pópria vem de uma brincadeira linguística com os amigos, mas, mais importante do que isso, assinala a oposição à ideia de perfeição. "Há uma ideia de que se nos esforçarmos chegamos onde queremos. Não é assim. A meritocracia é uma falácia. A corrida é desigual, não partimos todos do mesmo sítio", defendem.

A Pópria nasceu a 3 de março, véspera das eleições legislativas, quando as sondagens já apontavam para a viragem à direita e para o crescimento da extrema-direita que se veio a concretizar. "Acredito no poder das mãos enquanto fazedoras de objetos em construção", realça Maria. E neste momento, defende, a liberdade precisa de ser reconstruída. Uma ideia partilhada certamente por todos aqueles que já compraram as meias do 25 de Abril no Instagram da Pópria. O *stock* esgotou, mas as duas sócias têm esperança de conseguir assegurar mais pares até ao 25 de Abril.

Depois disso, além de meias personalizadas (por valores entre os 10 e os 15 euros), a Pópria terá outras coleções. Mas esta, a do 25 de Abril, será para manter. Sempre.

sofia.fonseca@dn.pt

OUTROS PRODUTOS QUE ASSINALAM A REVOLUÇÃO

INFUSÃO DE CRAVO PARA CELEBRAR A DATA

A Companhia Portugueza do Chá lançou uma tisana de cravo para celebrar os 50 anos do 25 de Abril. "Conhecemos o cravo como símbolo de liberdade, a nossa proposta é que possam conhecer também a infusão de cravo", diz a marca, com loja em Lisboa.
A infusão é "ligeiramente adocicada, de uma belíssima cor encarnada, bem floral e com algumas notas de frutos vermelhos" e está disponível numa caixa comemorativa com 10 unidades (11 euros).
Usado há muito na medicina tradicional chinesa, o cravo tem muitas propriedades: ajuda a acalmar a ansiedade, a descansar, é uma flor com muitos minerais e antioxidantes, diz a Companhia Portugueza do Chá, que alerta que o cravo usado é chamado de "cravo agrícola", porque o seu cultivo é feito como alimento, e não como flor decorativa.
"É uma infusão muito bonita, a flor abre, quase que fica a bailar dentro da água", diz o fundador nas redes sociais.

UMA COLHEITA DE 1974 DE VINHO DO PORTO BARROS

A Barros, casa de vinho do Porto fundada em 1913, celebra o 50.º aniversário do 25 de Abril com o lançamento de uma edição especial da colheita de 1974. Em parceria com a artista portuguesa Teresa Rego, apresenta-se agora com um *packaging* especial que marca este momento histórico. Ilustradora e *designer* que cria ilustrações coloridas e ousadas, Teresa Rego desenvolveu um trabalho, patente na garrafa, no rótulo e contrarrótulo e na caixa individual, que representa valores como a jovialidade e a vivacidade, através das cores que, juntas, dão fôlego a uma desconstrução da data. A obra, diz a Barros, pretende ser um contrassenso cénico – a serenidade em confronto com a força da data –, uma homenagem viva à coragem de um povo e à beleza da liberdade de pensamento. E de criação. Tem o preço recomendado de 170 euros.



Diario de Noticias

CHAMA ETERNA

BRITO PAIS E SARMENTO DE BEIRES levaram a cabo a sua viagem gloriosa!

O MISTERIO DO RAPIDO DE ANDALUZIA

CALVARIO QUE FINDA
MORREU
a grande Duse

SISIFO

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 22 DE ABRIL DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

CALVARIO QUE FINDA

MORREU

a grande Duse

NOVA-YORK, 21. – Comunicam de Pittsburg que, tendo ali adoecido gravemente a grande artista Eleonore Duse, com um ataque de gripe pneumonica, faleceu esta manhã. – (Especial).

*

Eleonora Duse nascera a 3 de Outubro de 1859 em Vigevano. Seu pai era artista dramatico. A partir de 1881 representou nos principais teatros de Italia, alcançando tão extraordinario exito que em breve lhe eram propostos contratos para Viena de Austria, Espanha e America do Norte. Percorreu tambem, de 1893 a 1898, a Inglaterra, a Russia, os países escandinavos, a Alemanha, a França e Portugal (Lisboa e Porto).

Casada com o actor Tebaldo Checci, de quem se separou, amargurou-lhe a vida a paixão celebre por aquele que escrevera na primeira folha do drama «La Gioconda» as seguintes palavras: «Per Eleonora dalle belle mani», por Gabrielle d'Annunzio, que depois a abandonou, chamando sobre ela o interesse e sobre si a antipatia do mundo culto pela situação em que a colocou e se colocou no romance «Il Fuoco».

Por uma extranha aproximação, a poucas semanas do triunfo maximo do heroi da guerra, do libertador de Fiume, pouco depois de a d'Annunzio ser conferido o titulo de principe, a Duse, em plena «tournée», em pleno trabalho, morre quasi de repente, num quarto de hotel nos confins da Pensilvania, sem outro titulo senão o do seu genio, sem outra remuneração senão a de ser obrigada a trabalhar, depois de ha bastantes anos, com os nervos cansados e doentes, se ter retirado da scena!

E' que, a Eleonora Duse, faltava o defeito que é a qualidade essencial para o triunfo lucrativo e para a conquista da situação: o cabotinismo. A Duse, no fim do seculo XIX e principio do seculo XX não foi cabotina, o que equivale a dizer que foi uma excepção bem rára. Foi uma artista, na acepção mais alta e mais nobre da palavra. Se, como disse um critico, Sarah foi a poesia, Bartet foi o «charme», e Réjane o espirito, a Duse foi mais, foi a verdade.

Eleonora Duse, segundo um caricaturista.

CHAMA ETERNA

Através das nossas descrenças e dos nossos desanimos, nas grandes crises colectivas nunca nos encontrámos desamparados do calor que em nós proprios nasce e que é o nosso ideal e circula ao mesmo tempo nas nossas veias como se fôsse o nosso sangue. Ha, em Portugal, o benefico fanatismo da independencia que nenhuma hecatombe destrói. Até naqueles instantes em que, na Historia, esse vigoroso sentimento de patriotismo parece andar ao acaso, errar, ululante, como doido em ruinas; amortecer-se e desfalecer,—até nesses instantes ele vive, recalcado—é certo—mas sempre alto, mas sempre inapagavel, mas sempre eterno. E' como essa chama gloriosa que ha alguns dias, em nome de todo o povo, em nome das nossas tradições, em nome dum passado que é feito de audaciosos sacrificios de sangue e de lagrimas, foi acesa junto das campas rasas dos Soldados Desconhecidos. A Chama Eterna, unica coisa perenemente viva que decora o scenario, tornado patetico, sem ser sombrio nem angustioso, da sala do Capitulo do Mosteiro da Batalha, é bem a alma desta raça que ha oito seculos começou a brilhar nas laminas das espadas aventurosas dos guerreiros de Afonso Henriques ou nas primeiras armadas que daqui sairam para abrir, sobre a mudez taciturna do Oceano, a epopeia que é a douradura do nosso brasão heraldico de povo livre.

Rescende através das idades o lirismo das rosas que inundaram o doce regaço da Rainha Santa; perfuma-se a terra do amor pecaminoso de Inês de Castro sublimado pela tragedia de Coimbra; alongam-se no ar alegre as canções populares das aldeias desgarradas em serranias adustas ou dispersas no litoral que os vendavais açoitam; plangem aos nossos ouvidos os canticos de traiçoeira fascinação das ondinas opondo inutilmente a esbelteza dos seios rijos á singradura apoteótica das nossas caravelas. Essa Chama Eterna que é bravura de guerreiro e delicado amôr feminino, que é rudeza de mareante e que é poesia de trovador, que é aventura e sonho, palpita a cada minuto sem treguas nem cansaço. Redime num clarão as horas de sombra e aparece como uma estrela guiadora, Joana d'Arc do nosso sentimento nacional, para iluminar a nossa crença, tornando-a mais forte e confiante na vitoria.

Morre-se humildemente mas valentemente na Flandres e em Africa exaltando em bravura simples a Patria longinqua e logo de seguida se abrem as asas palpitantes do *Lusitania* riscando nos ceus atlanticos a estrada flamejante que conduz ao Brasil. E quando se enobrece esse espirito de consciente aventura num gigantesco arranco de vitalidade e se poderia julgar exausto o ventre que gerou herois de tamanha estatura, outros aparecem, alimentados por um sonho febril, nas garras dum ideal de grande beleza, para afirmarem o contrario.

Diz-se que vivemos numa era de sacrificio e que pertencemos á geração de tortura e de redenção. Abençoada tortura essa, bendito esse sacrificio, quando sacodem para a vida, para as ambições que prestigiam e que depuram, um povo que nunca soube conservar-se dentro da nesga da terra que para si talhou na Europa!

Hoje, através do norte de Africa, amanhã por cima dos desertos ou das montanhas asiaticas, Brito Pais e Sarmento de Beires levarão hasteada no seu avião uma bandeira que representa, no jogo de interesses do mundo, uma nação que é pequena; mas é essa mesma bandeira, cuja honra tacitamente lhes confiámos, que lhes inspira sangue-frio, que lhes esquece a sua exaltação de sonhadores e que lhes sacóde a fibra de herois

Patria não é uma limitação territorial, Patria é o que anda nas nossas almas, que nos embala no berço de infantes e nos amortalha ao cabo da vida. Fazer Patria não é uma manifestação doentia de espiritos divididos; Patria significa união, cadeia que nos une, e que vai desde o que moireja apagadamente no dia a dia da sua profissão, até aquele que um grande ideal impele e uma poderosa inteligencia serve. Todos nós somos Patria, e todos nós temos a responsabilidade de a servir. Por isso a todos cumpre dar coesão e encorajamento aos que melhor trabalham essa ideia, sem um vislumbre de emulação nem de inveja, aprendendo no seu exemplo abnegado ou aguardando que os destinos nos chamem a cumprir o nosso dever.

Momentaneamente, Brito Pais e Sarmento de Beires são os portadores desse ideal insaciavel de gloria, como ha dois anos o eram os nomes gloriosos de Gago Coutinho e Sacadura Cabral. São eles, neste instante, a mais alta e a mais nobre expressão do sentimento português, ousado, desprezador da morte, aventureiro; eles cujos nomes andam hoje, de boca em boca, como se fossem nossos filhos ou nossos irmãos. Essa Chama Eterna eles a levam como um facho deslumbrador, numa galharda afirmação de bravura orgulhosa e serena. Resgatam perante nós proprios as horas tumultuarias, angustiosas, horas de odio, horas vermelhas. Mostram-nos que se não vence com as pontas das espadas nem com a metralha dos canhões senão nos campos de batalha, e que a obra de reconstrução, de disciplina e de ordem não pertence a um grupo, nem uma facção mas que tem de ser uma obra colectiva, alicerçada na confiança e no trabalho.

Nas proprias conferencias internacionais em que as subtilezas diplomaticas procuram carrilar a vida do mundo, tem-se dito e repetido que não ha nações grandes nem pequenas, nivelando-as pela sua força moral com abandono da mais ou menos complicada rêde de interesses que as subordinam.

Nação grande é Portugal que, através das desventuras duma vida economica atribulada, através do seu desequilibrio financeiro, através das fogueiras efemeras das paixões que se chocam, leva ao Brasil, na carlinga do *Lusitania*, a expressão da sua vitalidade imperecivel. Nação grande, nação rica é Portugal que encontra em Brito Pais e Sarmento de Beires os herois—tipos da sua raça, fascinados pela tradição que o Oriente asiatico exerce nos portugueses e que lá irão refundir sentimentalmente esse elo que se partiu nos baldões da decadencia.

E' a Chama Eterna que projecta Portugal numa maior grandeza que a historia das suas grandezas passadas; Chama Eterna, alimentada pelas nossas energias, pelo nosso trabalho e pela nossa solidariedade; Chama Eterna onde se consomem os nossos corações e que, no futuro, alumiará com a mesma candura aqueles que de nós descenderem!

LEGISLAÇÃO INTERNACIONAL AEREA

ROMA, 21.—Realiza-se, brevemente, nesta cidade, a VI Conferencia Internacional de Legislação Aerea.—A.

PAVOROSO INCENDIO EM CHICAGO

NOVA YORK, 21.—Na noite de sabado, um pavoroso incendio destruiu varios predios, em Chicago.

Ao serem prestados socorros, 20 bombeiros pereceram e 51 ficaram feridos, devido ao desabamento da frente de dois predios incendiados.—L.

HORROROSA CATASTROFE

7 MORTOS e 19 FEBIDOS

Num clube do Tramagal a explosão dum gasometro provoca, durante um baile, o incendio do edificio

ABRANTES, 21.—Chegam-nos horrorosos pormenores duma tragedia ocorrida, ontem, na séde da Tuna Tramagalense, na vila do Tramagal.

Ia começar o baile. A sala, replecta de socios e de convidados de ambos os sexos, encontrava-se profusamente ornamentada com verdura e papel, como é de uso na provincia. A certa altura, o gasómetro da iluminação explodiu, com tal violencia que, em dez minutos, todo o edificio era pasto das chamas, abatendo, em pouco tempo, o pavimento do salão de baile.

O panico foi indiscritivel! Gritos, imprecações, gente que se atropelava na fuga precipitada, toda a serie de horrores que é facil conjecturar em momentos de tanta aflição.

Após o incendio, reconheceu-se que faltavam sete senhoras, cujos cadaveres já foram retirados dos escombros pelos bombeiros desta cidade, que acudiram.

As vitimas estavam horrorosamente irreconheciveis. Uma delas, em adiantado estado de gravidez, apresentava o ventre aberto, deixando vêr o feto em gestação, igualmente carbonizado.

E' indiscritivel a consternação que lavra na vila e nas terras proximas que da catastrofe tiveram imediato conhecimento, tendo acorrido imensas pessoas ao local do sinistro.

Os feridos são em numero de dezanove.

EM SARILHOS GRANDES

27 PESSOAS FERIDAS

pela explosão dum gasometro

O sinistro deu-se no coreto da localidade, quando tocava a musica, produzindo enorme panico na população em festa

No domingo de Páscoa, em Sarilhos Grandes, concelho de Aldegalega do Ribatejo, efectuou-se uma festa, onde após uma sessão foi inaugurado na Academia Musical União e Trabalho o retrato do ex-regente da filarmonica da terra, Manuel dos Santos Lata. Em frente da referida Academia, que fica situada na Avenida 5 de Outubro, existe já ha alguns anos, um coreto fixo, onde a filarmonica composta de 28 musicos sob a regencia de Cipriano Antonio dos Santos, ex-musico da Armada, resolveu tocar algumas peças, abrilhantando assim a festa.

A certa altura, quando no local se encontravam alguns milhares de pessoas deu-se uma explosão no gasómetro de luz «Vigard», que iluminava o referido coreto, da qual resultou ficarem feridos todos os musicos, á excepção do 1.º corneteiro Manuel Rodrigues Perpetua, o «Ginja», que por felicidade saiu incolume do desastre. Dos feridos, foi conduzido para Lisboa, visto estar mais gravemente queimado no rosto e mãos o contra-baixo José Gonçalves da Silva Cruzeiro, de 33 anos, alfaiate, natural e residente em Aldegalega do Ribatejo. Tambem ficou com uma perna fracturada o regente da filarmonica, o qual depois de devidamente tratado recolheu a sua casa. O desastre, que causou imenso panico na assistencia e danificou por completo o coreto, deve-se á incompetencia da pessoa ou pessoas que carregaram o gasómetro. Os medicos que socorreram os feridos foram os srs. drs. Joaquim de Paiva Navarro e Cesar Ventura.

O MISTERIO DO «RAPIDO» DE ANDALUZIA

Um dos criminosos acaba de suicidar-se na sua residencia em Madrid

Os funcionarios dos correios assassinados teriam planeado o roubo com os seus assassinos?

Francisco Assis e ex-ministros no topo da lista do PS

EUROPEIAS Ana Catarina Mendes e Fernando Medina deverão ser os números dois e três nas eleições de 9 de junho. Renovação entre socialistas pode ser total.

TEXTO **LEONARDO RALHA**

O PS deve escolher hoje Francisco Assis para cabeça de lista às eleições europeias, com os ex-ministros Ana Catarina Mendes e Fernando Medina nos lugares seguintes. Ao que o DN apurou, além da inclusão deste trio, que tem estado discreto na última fila do hemiciclo, haverá uma profunda renovação dos eurodeputados socialistas, admitindo-se que possa ser total.

Francisco Assis, que deve tornar-se presidente da Assembleia da República em 2026, na segunda metade da legislatura, pelo acordo entre PSD e PS que ultrapassou o impasse na eleição de Aguiar-Branco, conseguiu ganhar primazia em relação ao antigo comissário europeu António Vitorino, tido como a hipótese mais forte para liderar os socialistas nas europeias. Para Assis, que apoiou Pedro Nuno Santos na disputa com José Luís Carneiro, é um regresso. Foi eurodeputado entre 2004 e 2009, encabeçando a lista do seu partido numas eleições em que a sua vitória foi considerada "poucochinha" por António Costa, rival do então secretário-geral António José Seguro.

Caso se confirme a inclusão na lista que será aprovada nesta noite, numa reunião da Comissão Política no Largo do Rato, Ana Catarina Mendes e Fernando Medina, antigos ministros dos Assuntos Parlamentares e das Finanças, sairão do limbo político em que entraram no arranque da legislatura. Ao contrário das ex-ministras Mariana Vieira da Silva (Presidência) e Marina Gonçalves (Habitação), vice-presidentes do grupo parlamentar, e Ana Abrunhosa (Coesão Territorial), que preside à Comissão Parlamentar de Saúde, ambos tinham perdido protagonismo.

O PS elegeu nove eurodeputados em 2019, mas mesmo as expectativas mais otimistas, reforçadas pela sondagem da Aximage, ontem revelada pelo DN, que o põe seis pontos percentuais à frente da Aliança Democrática, apontam para que eleja menos.

Fontes do PS admitem uma renovação total dos atuais eleitos, não sendo certo que o ex-ministro Pedro Marques e o atual vice-presidente do Partido Socialista Europeu, Pedro Silva Pereira, tenham hipótese de tentar a reeleição.

Agressões entre adeptos do Chaves e jogadores do Estoril

O final do jogo de ontem entre o Desportivo de Chaves e o Estoril, que terminou empatado a dois golos, ficou marcado por invasão de campo e agressões entre adeptos transmontanos e jogadores estorilistas no período de compensação. Depois de largos minutos de paragem e duas expulsões, com os canarinhos Marcelo Carné e Pedro Álvaro a serem admoestados com o cartão vermelho direto, a partida retomou, apesar de os visitantes terem pedido à equipa de arbitragem para suspender a mesma.



PEDRO SARMENTO COSTA/LUSA

BREVES

Nacionalistas bascos empatam em lugares, mas PNV mantém-se no poder

Com praticamente 99% dos votos contados nas eleições autonómicas do País Basco, os dois partidos nacionalistas seguiam na frente com igual número de deputados eleitos (27) para o parlamento de 75 lugares. O Partido Nacionalista Basco (PNV, conservador) levava mais de 27 mil votos de avanço, ou pouco mais de dois pontos e meio percentuais, sobre o EH Bildu, o herdeiro político da ETA. Na prática, na eleição que teve uma taxa de participação de 62,5%, o PNV perdeu quatro lugares no parlamento mas conseguiu impedir uma vitória que seria histórica para a chamada esquerda *abertzale* (nacionalista). Ainda que ficasse na frente, ou com mais lugares apesar de ter menos votos – uma possibilidade porque no sistema eleitoral do País Basco cada província (Biscaia, Guipúscoa e Alava) elege 25 deputados, independentemente do peso demográfico de cada uma –, o EH Bildu não teria maioria para governar. O PNV, que governou na legislatura anterior com o Partido Socialista, deverá reeditar o acordo e Imanol Pradales, de 49 anos, deverá suceder a Iñigo Urkullu na chefia do executivo basco.

Ordem dos Médicos vai entregar a ministra seis prioridades para 60 dias

A Ordem dos Médicos, que terá amanhã o primeiro encontro com a nova ministra da Saúde, vai entregar a Ana Paula Martins as suas "seis prioridades para os próximos 60 dias", disse o bastonário. À Lusa, Carlos Cortes adiantou que são medidas que "têm que ser imediatamente avaliadas, analisadas e implementadas" para traçar "um caminho diferente para o sistema de saúde na sua globalidade, mas, fundamentalmente, para o Serviço Nacional de Saúde". Entre o "conjunto de preocupações" destaca-se "a valorização das condições de trabalho dos médicos, do papel dos médicos no seio do Serviço Nacional de Saúde, no seio de todo o sistema de saúde, tendo em conta aquela que é a sua elevada diferenciação e a sua responsabilidade". O bastonário concretiza que a valorização passa por criar "uma nova carreira médica", que comece no internato médico e acompanhe o médico, "independentemente do local onde esteja, no setor público, no setor privado ou no setor social", e da tutela desse mesmo local (Ministério da Saúde, Ministério da Defesa Nacional, Ministério da Justiça, etc.). Além disso, é preciso analisar as Unidades Locais de Saúde, de forma a "corrigir a trajetória" desta reestruturação.



Conselho de Administração - Marco Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, Rui Costa Rodrigues, José Pedro Soeiro **Secretário-geral** Afonso Camões **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt



56613
5 605290 023002